ALBERTO DE OLIVEIRA

SONETOS

E

POEMAS

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA DE MOREIRA MAXIMINO & C.
111 E 113 RUA DA QUITANDA 111 E 113

1885

Ao Dr. Ferreira de Araujo

Dezembro 23 de 1885

Homenagem do auctor

SONETOS E POEMAS

EDIÇÃO EM PAPEL ESPECIAL

DE VINTE EXEMPLARES

NUMERADOS TYPOGRAPHICAMENTE

ALBERTO DE OLIVEIRA

SONETOS

E

POEMAS

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA DE MOREIRA MAXIMINO & C.
111 E 113 RUA DA QUITANDA 111 E 113

1885

A'

MINHA MÃE

PRIMEIROS POEMAS

A

LUIZ DELFINO

A ARVORE

I

« La végétation déploie ses formes les plus majestueuses sous les feux brûlants qui rayonnent du ciel des tropiques...

...Un seul arbre entrelacé de paullinia, de bignonia et de dendrobrium, forme un groupe de plantes qui, séparées les unes des autres, suffiraient à couvrir un espace considérable de terrain.

A. HUMBOLDT—*Tableaux de la nature*.

I

ENTRE verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil varios cipós de espiras infinitas,
Mil orchídeas em flor, mil flores,—sobranceira,
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudindo
A gloriosa cimeira;

A arvore, abrigo e pouso á aguia real, sorria.
Dez leguas de em redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o val, e os montes longe, tudo;
Nuvens cortando o ar, e passaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esphera radiando,
Como fulgente escudo.

Ampli-ondeante a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que o diga se era forte,
Quando o intentou dobrar; do procelloso Norte
Diga-o o tropel inteiro.

Passaram sem feril-a, esbravejando ás soltas,
A chuva, o temporal; e das nuvens revoltas
Alumiou-a, á luz do raio, a tempestade;
Mas, chegando a manhã, lá estava, altiva e bella,
Incolume, de pé, zombando da procella,
Na aria da liberdade.

Então, na sua veleta, em seu maior fastigio,
Dos bravos corvos do alto ouvia-se o remigio;
Grandes aguias na luz cruzavam, tenebrosas;
Emquanto, de echo em echo, um berro immenso atroava
A selva, e, ouvindo-o,o touro, hispido o pello, arruava
Nas planicies umbrosas.

E que uberrimo seio a toda vida aberto
Era o seu ! Quanto amor á sombra do deserto,
Quanto ! quando o raizame ao solo preso, as cimas
Dava essa arvore á luz, e o orvalho brando, ao vento,
Via-se a gottejar, de momento em momento,
Das ramagens opimas !

Giganta e mãe, alteando os hombros, quanta vida
No ar não fez florescer dos flancos seus nascida !
Quando a versuda copa, ás virações estranhas,
Dava ao sol, respirando o mundo ambiente, a quanto
Ser não nutriu, fecunda, ou preso no seu manto
Ou nas suas entranhas !

Ia-lhe caule acima, em longos cirrhos, toda
A hera da floresta, os vegetaes em roda
Deixando, a ver mais alto o céo, mais livre agora ;
E o lichen verde, o musgo, o feto, as capillarias,
E as gynandrias gentis, epiphytas, e as varias
Bromelias côr da aurora.

Por seus braços afora, em voltas de serpentes,
Gateando, a suspender as maranhas virentes,
As bauhinias em flor se alastravam; se abriam
Os cyclanthos, e ao lado, acompanhando os liames
Das bignonias, ao sol, em tremulos enxames,
As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscillando, aos pincaros suspensa,
A trama dos cipós se desatava immensa ;
Em seu cóllo, não raro, a cobra a fulva escama,
Com os estos do verão, fez esmaiar,—emquanto
Tardo passaro estivo, em suspiroso canto,
Voava de rama em rama.

Não raro, em bando inquieto, as mil variadas plumas
Viram aves, talvez, alli crescer. E algumas,
Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia
D'esses ramos, o ninho altivo penduraram,
E, primeiras da selva, as azas levantaram
Para saudar o dia.

Mais que um seio de amor, um tecto de piedade
Foi est'arvore. Ao vento, á chuva, á tempestade
Fugindo, brenha a brenha, e de terror vencido,
Não raro ao tigre um pouso aqui sorriu, seguro,
Emquanto atroava o raio, em firmamento escuro,
O espaço ennoitecido.

Não raro o val soturno a corça e o leão transpondo,
Quando o incendio estouraz ao longe em rouco estrondo,
Inflado em raiva,a um sopro, aleava as furias, vieram;
E, afuzilando o olhar, o pello hirsuto, á mingua
D'agua, o orvalho estival sassado aqui, com a lingua
N'estas folhas beberam.

Não raro! E quanta vez de extincta raça, á aragem
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem
Saudando o sol aqui, sob esta arcada! E, á lua,
A' noite, quanta vez, na aura vernal trazido,
Não se veio perder de estranha dansa o ruido
N'esta folhagem nua!

E era grande! e era bella est'arvore assombrosa!
Tudo a amava, em redor, e, altiva, em luz gloriosa,
Lançava aos céos, robusta, a sua fronte, em festa;
E immenso canto echoava aos pés da soberana...
Mas...como a palpitar do cacto agreste á liana,
Não tremeu a floresta!

II

...Entrara a selva um dia um homem. Sopesava
Terso afiado mangil. Em torno a vista crava,
A arvore vê. Levanta o truculento olhar...
Toma-lhe a altura enorme ás ramas, a espessura
Ao tronco. E o ferro, audaz, de solida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar voltêa o tetrico instrumento,
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. P'ra fendêl-a, ao braço heroico e rudo
Mais esforço é mister.

Pois novo esforço. E roda a arma assassina ao pulso,
E lá vae, lá bateu, que é força entrar. Convulso
O homem de novo ás mãos sacode-a. Uma outra vez
Sacode-a. O aceiro brilha, e do cortante gume
A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume
No madeiro, talvez...

Ainda outro esforço. E no ar, como mandrão guerreiro,
Zune o ferro, e feriu precipite, certeiro:
A casca espicaçou-se em laminas subtis...
Correu prompto tremor o caule informe, erguido,
E, subterraneo ouviu-se o echo de um gemido
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas tablas vôa
De novo a casca, e da arma ao rudo accento echôa
A solidão. Pergunta espavorida a flor
A' ave:—Que voz é esta?—E o tigre, a furna entrando:
—De onde parte este grito?—E os rufos leões, parando:
—Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido·
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céos, escuta aquelle excidio hediondo
E crime sem igual!

A grande arvore cae! A ramaria forte
Treme em cima, dansando uma dansa de morte.
Rompeu-lhe o alburno agora e vae-lhe ao coração
A secure. Uma a uma as fibras rangem; falla,
Ringe, arqueja o madeiro, e, pouco a pouco, estala,
A' mortal vibração.

A grande arvore cae! Já se lhe inclina e verga
A fronte, e aos pés, a gruta,—o seu sepulchro, enxerga!
Astros, sol, amplidão, espheras de ouro, céos,
Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora:
A grande arvore cae! mandae-lhe em pranto agora
O vosso ultimo adeus!

A grande arvore cae! Como entre o firmamento
E o mar alto, a viajar um grande mastro ao vento
Oscilla: oscilla assim seu corpo immenso no ar.
Elos, cirrhos, cipós, que o seguraes, deixae-o!
Rompeu-se-lhe a medulla, e já rechina o raio...
Não o ouvis estalar?!

A grande arvore cae! Do tronco seu robusto
Não te affastes na queda, expira com ella, arbusto
Segui-a ao somno extremo, ó corvos, e aguias reaes!
Morrei com ella! Seu ventre o ferro cruel retalha...
Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
Florestas tropicaes!

E cahiu! rudemente a seu baque rodaram
Com ella os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu;
E a pomba o ninho, a bôa a preza, o fructo erguido
A ave, tudo deixou de prompto, espavorido,
Quando a arvore cahiu!

E da ruina estupenda o lugubre alarido
Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céos, tremeu áquelle excidio hediondo
E crime sem igual!

A

OLAVO BILAC

A LAGARTA

II

Admirable compensation!... En plongeant si bas dans la vie, je croyais y rencontrer les fatalités physiques. Et j'y trouve la justice, l'immortalité, l'ésperance.

MICHELET—*L'insecte.*

I

Ser lagarta, em verdade,
E' uma cousa bem triste!
O asco provoca, enoja... Ah! só por crueldade,
Ou brinco, ou raiva ultriz de alguma divindade
Esse animal existe.

Zeus, que no Olympo excelle,
Toma de um touro, um dia,
A fórma, e arrasta Europa, e a longe praia a impelle:
Mas fosse Europa flor, e da lagarta a pelle
Zeus acaso enfiaria?

Não! de escrupulos presa,
A vêl-o assim, fugira
A seu lesmoso labio a agenoria princeza;
E, alvo lyrio real, a estremecer, sorpresa,
Toda se retrahira.

E quem ha que se agrade
De um ente assim? resiste
Quem ao vêl-o? e se o viu quem é que tem piedade
De animal tão ruim? Ser lagarta, em verdade,
E' uma cousa bem triste.

II

De uma eu sei, entretanto,
Que cheguei a estimar
Por ser tão desgraçada!...
Tive-a hospedada a um canto
Do pequeno jardim;
Era toda riscada
De um traço côr de mar
E um traço carmezim.

III

Dava-lhe a custo e mal a sombra pequenina
De um galhinho sem vida um pé de cazuarina.
Batia-lhe de rijo o sol no dorso, forte,
Vergastava-a de rijo o vendaval do Norte;

Subia acima o ramo, abaixo vinha, á vasca
Do vento. E o pobre ser, seguro sempre á casca,
Lesmavá-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca
A' noite, assopra e zune, e o debil galho estrinca,
Estala, e d'entre os mais, andando á roda, o aparta.

Veio com elle ao chão a misera lagarta.

IV

E affirmo-o, podeis crêl-o, eu vi-o! em toda aquella
Selvazinha gentil de arbustos pequeninos,
Onde o clerão susurra e o grillo tagarella,
E azoinam da cigarra os tiples argentinos;

Não houve um seio só de acantho ou margarida
Que se quizesse abrir, piedoso, ao somnolento
Animal que á procura entre elles foi de vida,
E entre elles foi cahir porque o mandara o vento.

Torceu-se então na sombra ao ser abjecto a immunda
Bocca, e emquanto em redor, em quieta paz dormido
O sitio, um casto aroma a noite incensa e inunda,
Estas vozes lhe ouvi, á feição de um gemido:

V

«Cansei-me,em vão,pedindo! As rosas de ostro, embalde
Fallei e aos gyrasóes de grande c'rôa jalde:
Não quizeram me ouvir gyrasóes e rosaes.
Beijei supplicemente os pés dos vegetaes ;
Ninguem me quiz, ninguem! Passei, como mendiga,
Implorando a chorar um pouso e estancia amiga...
Tudo em vão, porque a tudo o nojo inspiro, o horror !
Treme a folha ao sentir-me e treme ao vêr-me a flor.
E aqui estou friamente exposta ao vento enorme,
Sósinha, e sem dormir, e vendo um céo que dorme!
Noite, oh ! sê testemunha, eterno e mudo espião,
De minha dor sem nome e d'esta ingratidão ! »

VI

Disse e pensou na morte. E com o mortal excidio
Pensou tudo acabar... E pensou no suicidio.
Ia-se a pouco e pouco adelgaçando o véo
Nocturno. A estrella d'alva illuminava o céo.

Fez o tumulo em vida e sepultou-se n'elle.
Ides ver que a maguava a sua propria pelle.

VII

Claro rompia o sol no céo do Oriente. A grande
Natureza, que em tudo a sua força expande,
Pensou que, sendo Abril na terra alegremente,
Dormia n'um cazulo um'alma descontente;
E, então, porque, talvez, entre implumado bando,
Visse uma borboleta isolada pairando,
Toma o sedoso esquife, arranca á morte a vida;
Sopra a negra materia informe, envilecida,
Anima-a! Uma aza faz de scintillante gaza,
Pervia á luz, ideal; e faz após outra aza;
Prende-as, justa-as, sorrindo, e n'ellas pondo a vista,
Como em rapto genial trabalha a mão do artista,
Rabisca-lhes por cima um desenho chinez...
A chrysalida, então, abriu-se d'essa vez,
E da lagarta que era eis surge a borboleta.

Pasma olhou derredor, e, assim como uma setta,
Rompeu livre o azul...

VIII

O azul rompeu do espaço.
Poz-se a voar, a voar, sem tregua, sem cansaço,

Té que descendo os pés, que eram dous aureos fios
De aranha, em frente a um lago, entre uns ramos sombrios
Pousou. Reviu-se n'agua. A alegria nas azas
Scintillava-lhe assim como os rubins em brasas
N'uma corôa. A luz cantava em torno, ao vêl-a
No lago a se mirar como uma linda estrella.
Do pollen seu na côr, que embalde o Ticiano
Sonhara, o ádyto escuro, o impenetrado arcano
Estava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa
Sphera tinge de azul, de ignotas mãos suspensa.
Os perfumes que então das urnas de ouro, em vago
Bando, a aurora deixara esparsos sobre o lago,
Vieram, marchando no ar, invisiveis, saudal-a.
Já se ouvia no bosque aos passaros a falla,
A manhã na amplidão voava, desenrolando
As sulias côr de fogo.
E ella, as azas vibrando,
Voou tambem na amplidão.

IX

O meu jardim agora.
Podeis florir, cecens e cravos côr da aurora!

Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle
Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.
Cravos da côr do sol, cecens, flori radiosas!
Enxambre a luz do oriente a tunica das rosas
Sus, camelias! Mas eis ridente e illuminada
A nossa borboleta. Inquieta, desejada,
Vae por tudo vibrando as suas azas loucas;
E foi lagarta! e andou cuspida de mil boccas!
E foi monstro! e rojou de ventre como as feras!
E irritava o gramado, e nauseava as heras!
Eil-a, que garbo agora! Ostenta de mil côres
D'aza o prisma ideal entre as ruidosas flores.
Tudo a procura e quer e é um longo anceio mudo.
E, vêde-a, a vingativa! um beijo cede a tudo!
Mas quem póde exclamar, ao vêl-a assim tão bella:
— Ella é minha! se o ar e todo o espaço é d'ella!
Ama, vôa, a aza estende, agora beija, agora
Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora.
E é em vão que a roseira inunda-se de aroma,
Em vão a flor do sol aos raios de ouro agoma,
A açucena na alvura em vão su'alma ostenta,
Em vão para attrahil-a o cravo se ensanguenta,
A papoula flammeja. Ella é a Mimi leviana:
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.
Sabei, lyrios, sabei, dhalias, sabei vós quantas

A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,
Violetas côr do céo, pasmae com o caso incrivel!
Sabei todas que vós combateis o impossivel
Querendo possuil-a! O' virentes alfombras!
O' tufos de verdura! O' verdura das sombras!
O' camelias sem côr! O' lyrios côr de opalas!
O' chrystaes das manhãs! manhãs de eternas galas!
Ninhos! sons! harmonia e sol! e firmamento!
Ella não será vossa! em vão é o vosso intento!
Pois um unico amor, uma paixão estranha
Domina-a:
A trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

A

FERNANDO DE SÁ VIANNA

A BORBOLETA AZUL

III

Toda azul como os grandes olhos d'ella..

C. DE ABREU.

I

Supponho que era Abril
O mez, mas pouco importa, talvez Maio
Ou mesmo Junho fosse...
Nunca por céo de anil
O sol na fulva lagryma de um raio
Vi desmaiar mais doce.

Só, como a penna vae
No ar, só, como a nuvem no horisonte,
Eu caminhava. Tudo,
Uma folha que cae,
Uma ave que esvoaça, a agua do monte,
O monte ao longe, o mudo
Deserto, tudo a mim

Me assusta. E eu caminhava. Agreste e feio
Era o sitio. E, avançando,
Por distrahir-me, emfim,
Ia uma a uma, em procurado enleio,
As arvores contando.

Tomava-me o pavor
D'essa hora, alli, só, acompanhado
Só de meus pensamentos...
Ao minimo rumor
Cria ouvir um phantasma, e o bosque, ao lado,
Povoar-se de lamentos.
Redea solta, ao vagar
Do cavallo, assim posto, a quanto havia
Arvoredo de em roda
Encarava. E, ao passar
Por tudo, a tudo triste em roda via
Pela planicie toda.

E creio que era Abril
O mez! mas pouco importa, talvez Maio
Ou mesmo Junho fosse...
Nunca por céo de anil
O sol na fulva lagryma de um raio
Vi desmaiar mais doce!

II

Quando da serra, além, sobre a campina
Era a sombra maior, e além da serra
Mais flammejante o céo, — volto o cavallo;
Faço-o pisar do rio a areia fina,
E assim vou através do longo vallo,
Mal sentindo a meus pés fallar a terra.

Corre direito ao bosque o rio. Inclina
Sobre elle os verdes callejados braços
Um'arvore, de pé nas rotas fraguas;
A espaços uma rama peregrina
Oscilla ao vento, vae com o vento; a espaços
Vem á face tristissima das aguas.

E eu, derramando os olhos sobre aquillo,
Notando o aereo brando movimento
D'aquella rama na corrente, inquieta,
Scismava. Quando pelo azul tranquillo,
Pelo calido azul do firmamento,
Vejo vir uma grande borboleta.

Nos canniços, ao pé, de pluma em pluma
Pairou. Sosteve as azas leves. Logo
Em direcção ao sol partiu. Morria
A tarde. Em fogo as nuvens, uma a uma,
Torreavam no occaso; e o céo de fogo
Valles, montes de purpuras cobria.

III

A borboleta azul que espaço afóra
Segue, não n'o sei bem...
D'ella, talvez, me falle, onde ella mora
Talvez more tambem.

Talvez de seu cabello desatado
Voasse, como uma flor,
Como o laço de fita embalsamado
Que usa, da mesma côr.

Ella, formosa e timida violeta
Mal desbrochada á luz,
Ella ama o céo, como ama a borboleta...
Ambos são tão azues!

IV

Vejo a casa, afinal, onde ella mora,
Ella que a idade apenas
Talvez conta, aljofrada á luz da aurora,
Da menor das phalenas.

Ella que á minha dor abriu-se acaso,
Como um bom firmamento,
E cuja mão, se a beijo, é como um vaso
Onde me dessedento.

Certo esperara todo aquelle dia...
Achei-a anciosa, e ao vêl-a,
E ao vêr-me, eu vi: de pranto um bago havia
Em seu olhar de estrella.

Lançou-me do pescoço em roda os braços,
Deu-me a pequena bocca;
Depois, com o andar da pomba, atraz dous passos
Moveu risonha, e louca

Fugiu. Tornou. Trazia á trança loura
Um laço azul, o amado
Laço da côr do céo, que a sobredoura
De um reflexo sagrado.

—« Fico melhor assim, não acha, com esta
Fita azul? » E sorria...
Morrera o sol, calara-se a floresta,
Apagara-se o dia.

V

Sobre-manhã parti. Molhava a neve
O pendor da montanha. No arvoredo
Proximo, as pennas a ensaiar de leve,
Um passaro, em segredo,
Se ouvia. O som das aguas derivadas
Da serra o chão da gruta, lento e lento,
Ia acordando. As folhas orvalhadas
Palpitavam com o vento.
Uma fita de fogo no Levante
Subia. E a estrella d'alva, immensa e bella,
Tauxiava o plano da cerulea téla,
Como um grande diamante.

VI

Com a buzina de caça pendurada
A' cinta, quanta vez do excelso tope
De um monte, emquanto, ao longe, o pó da estrada
Um cavallo a galope
Batia, quanta vez não vi distante
O fumo de seu tecto, embaixo erguido,
Como um lenço acenar-me! E a vista errante
Quanta vez, commovido,
Não fiz pousar na copa verdescura
Do seu telhado, emquanto ao sol de estio
Voava um pombo nos ares, á procura
De outro pombo erradio!

VII

Leva á casa gentil, e era tão perto!
Um plano desigual:
Sinuoso trilho na collina aberto.
Aqui do cipoal
A laçaria: a flórida latada
Ora vae, ora vem,

Baila com o vento em trepidante escada.
Torsos troncos além ;
Uma flor escarlate ao pé de um ninho...
Do sassafraz o olor
Rescende, e borda as margens do caminho
A madresilva em flor.
Filipendulas mil de cima a baixo
Serpenteam subtis ;
E ao longe ostenta um passaro o pennacho
De abrasado matiz.
Resplende o sol. Abre-se um cacto. A aragem
Vem mais fresca do sul...
E em tudo, aerea, trefega, selvagem,
Paira uma grande borboleta azul.

VIII

A borboleta azul do mato, que ora
Vôa aqui, ora além,
D'ella talvez me falle, onde ella mora
Talvez more tambem.

Talvez de seu cabello desatado
Voasse, como uma flor,
Como o laço de fita embalsamado
Que usa, da mesma côr.

Ella, formosa e timida violeta,
Mal desbrochada á luz,
Ella ama o céo, como ama a borboleta...
Ambos são tão azues!

IX

Viera Outubro. Que magua
Em tudo! A agua não corre; em vão procura
A arvore triste com a ramada escura
Os rios... faltos d'agua.
Seccaram-se as correntes;
Aos pés do caminhante
A areia range, iriante
Em reflexos ardentes.
Viera Outubro, viera.
O sol jámais tão forte
Illuminara a esphera.

3

Desfloriam-se os valles,
Já golpeados da morte.
Do pequenino calis
A's arqueadas umbellas
Passava o estrago. E, á luz do meio dia,
O vento os campos aridos enchia
De folhas amarellas.

X

Consta que ella, uma tarde, em que radiante
Das nuvens de ouro a abobada se erguia,
Os braços nus para a amplidão distante,
Em falta de azas, tremulos abria.
E' que, aos raios do sol bailando inquietas,
Suspensas no ar, em dansa vaporosa,
Um vago bando azul de borboletas
Vira passar na tarde luminosa.

XI

Desde esse dia nunca mais poderam
Meus olhos vêl-a. E' bem provavel voasse!...
D'ella não soube e as flores não souberam.

A casa ahi está, porém, qual se a habitasse
Ainda. E, abrindo a livre ponta da aza,
　　　　Douda, erradia, exul,
　　　　Em torno á velha casa
Paira uma grande borboleta azul.

AO

DR. HENRIQUE DE SÁ

O ANACHORETA

IV

Eis o loto da noite, unindo-se á lua desafogada das nuvens.

KALIDASA.—*Raghu-Vança.*

Foi com sorpreza e espanto, em erma e atra espessura,
Que Rudhra, o sabio, o grande, o anachoreta indiano,
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano
Do incansavel labor da penitencia obscura;
Foi, com sorpreza e espanto e n'um delirio vago,
Que uma vez do luar que limpido nascia
Estas cousas ouviu, na floresta sombria,
Ditas distinctamente ao loto azul de um lago:

« Vem! — dizia o luar — descerra uma por uma
As petalas azues!
Dou-te um lago de espuma
Onde melhor fluctues!
Vem! como a Apsara é minha, a tu'alma desata,
E sobe entre desmaios!
Dou-te alvissima prata...
A prata de meus raios!

Dou-te o leque de luz com que me vês no Oriente,
Dou-te o cofre de opalas
Que entórno em meu crescente
Pelas eternas salas!
Dou-te a nuvem, a estrella, espiritos, chymeras...
A luz, o orvalho dou-te,
E a lyra das espheras,
E os incensos da noute!
Vem, adorado ser, tu das alturas digno!
Rompe a brutal materia,
E d'este áquelle signo
Eleva-te, alma etherea! »

Tal, em sorpreza e espanto, em erma e atra espessura,
Certa noite ouviu Rudhra, o anachoreta indiano,
Rudhra que tem no olhar o brilho sobrehumano
Do incansavel labor da penitencia obscura.

A

ALBERTO CONRADO

HORAS DE OURO

V

Ah ! que ne puis-je remonter vers ces heures fortunées, retrouver ces loisirs enchanteurs !.

TOPFFER.—*Nouvelles genevoises.*

Era, lembro-me ainda! á beira-mar.— Desperta,
Falla, minha saudade!—Uma janella aberta
Sobre a azul extensão das aguas, e a ventura
Dentro, lá dentro, aos pés d'aquella creatura
Que foi minha, que amei, que eu possui, que apenas
Eu gosei...

Quando o sol, pelas tardes serenas
De Agosto, o mar não só de branca espuma, o ethereo
Mar de nuvens tambem,—como de escudos o ereo
Campo,—accendia; e em torno áquellas aguas, cheia
De sons, a salsa praia em cada grão de areia
Seus diamantes brilhava: era de ver a casa
Rente ás ondas! A luz em télas de ouro em brasa
Era a purpura viva, era a tapeçaria
Das salas,—luxo estranho e oriental! subia
Pelas paredes; longa, em véos tyrios, crescente,
Implicada, do tecto ao solho esplandecente
Desdobrava-se. O chão riscava-se dos passos
Das sombras a correr em tremitos, a abraços,

Soltas, subitas indo. E em cada porta, á entrada,
Punha o fulgor da tarde uma corôa, e em cada
Corôa infindos rubins, chrysolitas, gemmantes
Pedrarias, rocaes de estrellas, de diamantes
Scintillavam. E sempre o ouro do sol, descido
Ao mar, pela janella, entre os vidros, fundido
Em torrentes, bolhando, entrava. Um grande espelho
No aço puro estampava aquelle céo vermelho
De lá fóra; ao crystal de sua face o estranho
Colorido do occaso olhava-se. De estanho
Ora as nuvens alli, ora de opalas, ora
De cárthamo e sandiz, de vermelhão, de aurora
Tintas voavam, n'um grande exercito, imitando
Já um templo, uma cidade, um mar de sangue, um bando
De ruinas, já de um deus em bronze a estatua, e os vultos
De enormes animaes ha seculos sepultos.

Era n'aquelle espelho, entre a magia extrema
Do occaso, que ambos nós de rutilante estemma
Cingidos, sobre a minha a sua mão, tomados
De assombro, a tudo mais alheios, affastados,
Quietos, mudos, sem voz, nos olhavamos. Ella,
Como ao fundo de um rio uma longinqua estrella,
A meus olhos lá dentro apparecia ao fundo

Do vidro, em meio á luz do fluctuante mundo
De nuvens. A amplidão cercava-nos, a fronte
Nossa errava no céo; e a linha do horizonte
Prolongava-se além vermelha e infinda. E em tudo
Sempre o ouro do sol n'aquelle espelho mudo
A cahir, a cahir...
E sobre a fulva poeira
Do ouro que alli chovia, a minha vida inteira
Ajoelhava, e em tropel meus dias; e era tanto
O esplendor em que os tinha e tão profundo o encanto
De tal vida, que os sons de outra existencia, o passo
Das auroras no céo, dos astros pelo espaço,
Da luz, que assoma e assoalha o esplendido thesouro:
Parecia o rumor d'aquellas horas de ouro.

Uma vez, casualmente, olhavamos no liso
Aço um castello ideal, phantastico, indeciso,
Que uma nuvem do mar erguera, e ás vespertinas
Sombras dava o clarão das pendulas ruinas.
D'estas parte, n'um jorro, em scintillante e clara
Onda o incendio do sol poente illuminara;
Rubro sangue listrava-a, a luz lambia-a em roda,
E era toda despenho e labaredas toda.
No ar circumstante havia um reverbero vivo
Como o de ignea fornalha. Instante e convulsivo

O castello ruia ; e cada chamma os nossos
Rostos afogueava. Os ultimos destroços
Vi da mole fumante. Espessa e ás voltas veio
Do alto a nuvem rolando; a luz varava-a, o seio
Se lhe abria combusto e, gottejando em lava
Rubra intenso cruor, esgarçava, esgarçava...
E quando o sol rompeu por sobre aquillo e em vago
Lume, como ao depois de uma batalha, o estrago
Clareou vivo do incendio,—olho e estremeço: havia
Sobre o espelho sómente a minha sombra fria!
Eu sómente alli estava, olhava eu tão sómente
O vacuo! E estando a olhar, o espelho de repente
Empanou-se, e cresceu por dentro d'elle a escura
Noite, e o sol se apagou de sua face pura...
Uma estrella entretanto, apenas uma, acaso
N'elle ás vezes resplende em direcção do occaso,
Mas tão triste de luz que imaginando, ao vêl-a,
Fico se é por ventura aquillo mesmo estrella.

A

JOAQUIM SERRA

NOITE DE CHUVA

VI

De horrenda cerração c'roada a Noite.

Bocage.—*Leandro e Hero*.

QUE é das estrellas, que é d'essas
Huris de loiras cabeças,
A que a alma, se a magua a affronta,
Remonta ?

Em que outros céos, mais serenas
Gyraes, doidejantes, plenas
De luz, mais vivas, mais bellas,
Estrellas ! ?

Este é soturno, este espaço ;
N'elle ha das nuvens o passo
Sómente, monstros em bando
Marchando.

Escuridão ! chuva ! nevoa !
A vista cansada elevo-a:
E' tudo sombra, um lampejo
Não vejo!

Escuridão ! chuva ! Immensa
Tenda de trevas suspensa
No ar, no horizonte mudo,
Por tudo.

Flebil, monotono escuto
Ranger, minuto a minuto,
O velho arvoredo ao vento
Violento.

E as aguas longe, o bravio
Remêsso, a queda do rio
Torneando as pedras, topando-as,
Trepando-as !

E como a chuva entristece,
E cansa e enfara e aborrece,
Miuda a cahir de hora em hora
Lá fóra !

Que vago torpor, que vaga
Mollicie os membros me affaga !
Estiro-os, bocejo ; conto,
Reconto,

Mil varias cousas, me ouvindo
Absorto, extinctos abrindo
Arcanos cuja saudade
Me invade.

Meus dias mortos de festa
E amor, em noites como esta
Plumbeas, pesadas, estereis,
O que ereis,

O que valieis sómente
E' que eu comprehendo, a mente
Para essa morta alvorada
Voltada!

ão tornareis forasteiras
Auroras de ouro! A's primeiras
Alvas que sombras succedem
No Eden!

A noite agora,— a que habita
A alma—que a noite infinita
Emúla que o céo semêa
Tão feia!

Sinto-a estender-se opprimida
D'esta hora, e á furia bramida
Do vento juntar e ás aguas
As maguas.

Quanto ha de tedio, o que existe
De mais aborrido e triste
Me desespera, me enturva,
Me acurva.

Tenho a alma como entre um muro
De sombras, lugubre, escuro!
O céo nem vejo que anima
Lá em cima!

Escuridão! chuva! immensa
Tenda de trevas suspensa
No ar, no horizonte mudo,
Por tudo!

E mais continuo, de instante
A instante, mais sibillante,
Aos refegões zune o vento
Violento.

E roucas, rudes, revoltas,
Bolhantes, rapidas, soltas,
Mugem as aguas do rio
Bravio.

E a chuva cresce, recresce,
Em furia, enfara, aborrece,
A's soltas saltando agora
Lá fóra.

Oh! como em beijos me prendo
A ti, que eu só comprehendo,
Retrato amigo, figura
Tão pura!

Retrato d'ella! composto
De graça e virtudes! rosto
Que tanto osculei, que tanto
Com pranto!

Cabellos d'ella!... Com o vêr-te,
Com o te beijar, com o prendêr-te,
Te olhando, te interrogando,
Te amando:

Entra-me n'alma indeciso
Reflexo do Paraiso!
Ajoelho, e meu céo, meu templo
Contemplo!

A

BERNARDO DE OLIVEIRA

PER TENEBRAS

VII

Blow, blow, thou winter wind;
Thou art not so unkind
As man's ingratitude;
Thy tooth is not so keen,
Because thou art not seen,
Altho' thy breath be rude.
Heigh-ho! sing; heigh-ho! unto the green holly,
Most friendship is feigning; most loving mere folly.

SHAKESPEARE.

I

Era um caminho estreito
E escuro, n'essa escura
Noite, á beira do mar, orlando-o. O aspeito
Do mar bem se não via,
Que era todo espessura...
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Eu, não sei como, andava
N'esse lugar medonho
A taes horas. A fronte me alagava
Suor frio, o cabello
Tinha-o, como n'um sonho,
Eriçado de um negro pesadelo.

Alli, voejando ás tontas,
Como stryge agoureira,
Paira o Medo, o Terror. Com as hartas pontas
Os penedos, dispostos
Junto a podre albufeira,
N'agua se vêm com os achumbados rostos.

Coalhado do negrume
Da noite, anceia o espaço;
Alli não cala incerto escasso lume
De estrella. A infectos miasmas,
Porém, sente-se o passo,
Como o passo invisivel dos phantasmas.

Rofas moles de troncos
Pavorosas se arquêam
D'este lado; d'aquelle aspectos broncos
De penhascos; soturnas
Cavas grutas vozêam
No echo abafado das equoreas furnas.

E a tremer n'esse estreito
Caminho, pela escura
Noite, escura e agitada, eu ia. O aspeito
Do mar bem se não via,
Que era todo espessura...
Rumor d'aguas sómente o espaço enchia.

Soavam surdos na treva
Os meus passos e, incerto,
Como quem sente que um phantasma leva
Traz si, olhava, o ouvido
Aguçando, e mais perto
Cria escutar um sepulchral gemido.

Empós mim certo erravam
Outras sombras, e em lento
Gyro, á laia de espectros, se arrastavam!
Sim, com um rouco, um profundo,
Com um sinistro lamento
Surgem das trevas em que a vista afundo.

Ah! parece-me, em dobre
Pasmo, estar inda a vêl-os
Esses que o medo panico descobre,
E a diabolico encanto,
— Horriveis pesadelos —
Se entremettem no sonho, espanto a espanto!

Todos vieram, vieram,
Vieram! todos em ronda
Lugubre e extensa me encararam, e eram
Tão de horrores, que eu ante
Aquella turba hedionda
Não fui mais que uma estatua n'esse instante.

Quedei-me, em pedra immota
Vi-me; temporas, pulsos
Sem vida, o olhar sem luz, a mente idiota...
E a legião sombria
Dos espectros convulsos,
Mudos, porém, da escuridão rompia.

Todas as minhas Dores
Vieram; todas em grita
Surda e horrente, com multiplos clamores,
Ao meu lado passaram,
E da noite maldita
Com os soluços as trevas abalaram.

Vós tambem, Sonhos torvos,
Tambem vós me seguistes,
E, quaes rodam do céo n'um ponto os corvos,
Vós, revoltos, em bando,
Ieis, negros e tristes,
Com a aza de fumo em torno a mim rodando.

Viestes, males retidos
No coração, sepultos
No coração, no coração soffridos!
E, arremedando as Furias
No sanhudo dos vultos:
Viestes, Raivas, e Coleras, e Injurias!

Tu tambem alli estavas,
Olhar de Odios gratuitos,
Bocca da Inveja sordida, que bavas
Tudo, e estragas, e damnas;
Zombaria, que a muitos
Sob disfarce calculado enganas!

Nem tu mesma faltaste,
Traição fria e engenhosa,
Que na sombra teus golpes estudaste;
E uma vez, muda e calma,
Insperada e enganosa,
Hervado ferro me embebeste n'alma!

Todos viestes. E o medo
N'um frio intenso e agudo
Corre-me as carnes. E, impassivel, quedo,
Semianime, exsangue,
Petrificado, mudo,
Reprêsa a voz, parado o olhar, o sangue

Gelado, hirtos na testa
Os cabellos, — em roda
Eu via erguer-se da espectral floresta
As mil fórmas, ao vento
Que passava; e ella toda
Gemia agora um sepulchral lamento.

II

Pouco a pouco, porém,
Como quem sae de um fojo infecto e os ares
Livremente respira;
Como o que á tona vem
De um rio, altêa o corpo, erra os olhares,
Move dos braços, se desprende e tira
Das aguas: pouco a pouco
Desperto, acórdo, a vista em roda, inquieto,
Lanço, as sombras inquiro...
O mar violento e rouco
Geme ainda; na noite ha o mesmo aspecto,
E um suspiro se escuto é meu suspiro.

Córava a escuridão
Não sei que luz n'esse momento : um fraco
Ponto de ouro em começo
No céo ; quasi um clarão
Depois ; depois todo o horizonte espesso,
Toda a nevoa das sombras, todo o opaco
Das cousas se alongava,
Se despartia, dava entrada áquella
Luz indecisa ; o espaço,
Turvo que era, alli estava
Pervio agora a se abrir, de traço a traço,
Em aureas nodoas se embebendo d'ella,

III

Era o dia ! era o sol ! Ascende a luz, palpita,
Com a aza etherea a roçar a abobada infinita.
Treme a noite, e é assim como um grande reposteiro
Que ondula em quedas de ouro e se desdobra inteiro;
Mar de fogo e rubins e opalas, — a alvorada
Entra pela amplidão, alaga-a, e despenhada

De cima, em rios cobre a terra inteira. Agora
Nem uma sombra mais, um pesadelo! A aurora
Dissolveu-os! O mar a musica sombria
Adoça, ouvindo ao longe as cytharas do dia.
No ar a est'hora talvez um anjo passa, aberta
A aza, annunciando a manhã que desperta.
Sus, minh'alma! E eu revia o sitio em que tamanho
Horror me salteara: o trilho estreito, o estranho
Ermo, os pedrouços mil do sitio informes, tudo,
Troncos, a agua, a albufeira, o abysmo, o oceano, o rudo
Penhascal; e no chão buscava vêr se um traço
Espectral descobria ou signal de algum passo.
Tudo a luz dissipou, varreu, levou radiosa!
Nem um vestigio mais d'essa noite assombrosa!
E quando a fronte ergui, todo o Oriente, em fogo
Vivo a arder, se mostrava. O sol nascente logo
Surgiu e ao seu clarão suavissimo, indeciso,
Inundava-me o rosto o primeiro sorriso.

A

ARTHUR OROZIMBO

A CRUZ DA MONTANHA

VIII

Sobre o marco de pedra a cruz se eleva,
Como um pharol de vida em mar de escolhos.

A. Herculano.—*Harpa do crente.*

I

No alto da serra inculta, onde a virente copa
Torce o vento á araucaria, e o temporal galopa,
Despertando, ao tropel das musicas nocturnas
Que arrasta, a escuridão das covas e das furnas:
A deshoras quem cruza o valle immenso embaixo
Vê, se acaso ergue a vista, o como arder de um facho.
E'uma estrella? Não sabe. Um fogo fatuo? um duende?
Um phantasma? E aturada e permanente esplende
A luz por entre o horror da negridão da noite.

II

Mas a chuva nem sempre, o temporal, o açoite
Do vento na alta serra as arvores abala;
Muita vez rompe a lua, entre a nevoa resvala

O aureo globo lá em cima, ao longo das vertentes
Coando em frouxo chover as lagrymas luzentes.
Então brando rumor,—a voz da Natureza
Na secreta volupia,—uma quasi tristeza
Do goso,—em tudo acorda. O pinheiral suspira,
E se ouve em cada gruta a voz de ignota lyra.

III

Outras vezes é o céo só com as estrellas, cheio
D'ellas de extremo a extremo, e precintado ao meio
Da alva faxa que estende a Via Lactea enorme.
Tudo queda e repousa. E a serrania dorme
Sob esse escuro azul de um céo que tem por cima.

IV

Em taes horas não sei que novo brilho anima
A luz que medo poz a quem passou distante
Na planicie. Lá está, por noite assim, radiante
Como a estrella da tarde. Essa, entretanto, a porta
Do poente entrou de ha muito, e é desmaiada, é morta.

V

Não,—das cimas da serra, ó arvores, contae-o!
Não é de um astro a luz, não é da estrella o raio
Esse arcano clarão. Elle illumina um'alma.
Lá se agita uma sombra. A movediça palma
Não é do coqueiral, quando a procura o vento
E d'ella extrae com o sopro um musico lamento.
E essa harmonia?... Acaso o mesmo vento acorda
Som tão doce?!... Silencio!... E' de uma guzla a corda.
Alguem canta. Abre a noite o ouvido attento. A escarpa
Escuta. A humanas mãos se despedaça um'harpa
Lá em cima, e o estranho accorde, a melodia estranha
Flue n'um rio de prata através da montanha.

VI

Mas que acerbo soffrer, que subita agonia
Estas notas traspassa e inverte esta harmonia?!
Vamos, galguemos o alto á serra alpestre e informe!
Lá na soidão sem termo ha um desespero enorme.
Soffre alguem, pena alguem... Humana voz me falla...
Um grito igual ao meu n'aquella altura estala!

VII

Dorme seu grande somno a natureza inteira.
Tardo o passo, anhelando, a ingreme ladeira
Subo. Que escuridão, que mar de espessa treva
Róla a meus pés embaixo, entre meus pés se eleva!
Ondas negras sem fim! amplo diluvio escuro!
A uma parte e outra parte a sombra altêa um muro
E me opprime. Entretanto a escarpa vingo, o rosto
Vólto ao despenhadeiro, ao abysmo transposto...
Ainda um passo, e descubro a luz que me ha tentado.

VIII

Entre o implexo palmar ha um tecto levantado.
E' um palacio. Porém sómente uma janella
Aberta cede á noite o seu fulgor de estrella,
Luz sonora,— que vem n'ella arrastado um hymno.
Hymno vasto... E' um gemer, é o grito de um destino
Doloroso. Lá dentro uma mulher ao piano
Canta, ensinando á noite o que é o lamento humano.

E o instrumento febril onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

IX

Tem vinte annos. E' bella. O canto entristecido
Sôa mais alto agora, é mais alto o gemido.
O arquejante instrumento um novo carme acorda,
E da aberta janella a musica transborda
Dentro da noite. A' luz, dir-se-hia aquelle immenso
Hymno, em fumea espiral, como a espiral do incenso,
Subia, e em cada volta em que se ennovellava
No ar, sentada uma queixa e uma lagryma estava.
Mas plangeu subitaneo o piano gemebundo
Outro carme. E' a saudade ardente que, este mundo
Deixando, a alma comsigo ao tumulo transporta:
« Adeus, tudo que amei ! » E o canto a face morta,
As mãos postas, o tronco inerte, inteiriçado,
Lembra do que se foi... Um novo tom maguado :

E' a canção dos que á Terra a superficie fria
Correm sempre buscando a sombra fugidia
Que partiu: «Onde estás!?»—E em cada accento o piano
Grita, chama, interroga, e se espedaça insano.

E o instrumento febril onde os seus dedos correm,
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

X

Sob a janella, só, por entre o movediço
Palmeiral, ha uma cruz de marmore massiço.
Guarda um tumulo. O chão de saudades coberto
Está. Saudosa a luz, com seu fulgir incerto,
Vem beijal-a e trazer-lhe a alma sonora e os prantos
D'essa que dentro rompe em lagrymas e cantos.

XI

E ella cantava sempre. Os passaros dormidos
Despertavam no bosque. E o bosque é todo ouvidos.
A agua os pés de alabastro apressa na corrente
Para ouvil-a, e deslisa, e corre mansamente.
Mudo, em extase, pasmo, o tremulo arvoredo
Inclina a fronte, escuta, e é pensativo e quedo.
Vem dos covis chegando a procissão tardia
Das sombras, e a bailar trepidamente espia
De longe, o ventre escuro a rastos. As inquietas
Azas colhe a lucerna ; o somno as borboletas
Interrompem, vergando ao pequenino galho
A flor que o calis volta, e d'onde pende o orvalho.
Folha a folha, aza a aza, espuma a espuma, o fio
D'agua, o insecto, o arvoredo, em silencio sombrio,
Suspendem-se, e mais livre a musica desata
Sobre tal quietação as estrophes de prata...
E o instrumento febril onde os seus dedos correm
Onde dos olhos seus as lagrymas escorrem,
Geme, como se um cysne, em magico transporte,
Dentro d'elle soltasse o seu canto de morte.

XII

Traduz o piano agora um desespero immenso.
Como que em cada nota ha um coração suspenso
Por lagrymas, que passa e vae sangrando. Ao brado
Da dor, violento grito, estremece o teclado,
Tine e vae a estalar. E' que a loucura,—gemea
Do amor incontentado,—irrompeu na blasphemia.
Mas n'um surdo—perdão—a furia se amortece,
E a alma arrependida em prantos apparece.

XIII

Pela janella aberta, em jorros a harmonia
Golfava, enchendo a noite. Emquanto no abandono,
Qual se o morto folgasse em seu ultimo somno,
A cruz, braços ao ar, na sombra estremecia.

A

HENRIQUE DE MAGALHÃES

VERTUMNO

IX

Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece.

BERNARDIM RIBEIRO.

I

. . . .

E, crendo achal-a, a sombra fugidía
O intricado rompeu da mata escura,
Não dando conta que expirava o dia.

— « Dize, dize onde estás ! »—Pela espessura
Chama, e ao tecto do bosque o olhar levanta,
Abaúlado dos arcos da verdura,

Mas verdura sem flor, que a toda planta
A voluvel espira, a trama, o enredo
Nos quentes estos o verão quebranta.

Os desfloridos braços do arvoredo,
Que encruzados lá em cima um sopro agita
Fallam de um dia que morreu bem cedo.

Ora as heras não mais, a parasita
Verde ás columnas vegetaes se enrola
E o corpo elando os pincaros enfita.

O estragoso calor que tudo assola
Mal do cacto silvestre abrir consente
A' cardea flor a timida corolla.

De eiva tocado, ao ramo seu pendente,
Todo fructo arregôa, e assim responde
De um ar que é todo fogo ao peso ardente.

—«Dize, dize onde estás !»—E as grutas—onde,
Onde estás! — com os seus echos repetiram,
Mas não fallaram do lugar que a esconde.

E errando acaso o peregrino, viram
De repente seus olhos que acabava
A selva, á luz que subito sentiram.

Uma larga planicie o sol dourava,
Mas tão triste que n'alma ao caminhante
Com vêl-a a sua dor se acrescentava.

— « Dize, dize onde estás ! A cada instante
Chamo-te, e ao menos nem signal descubro
Que na areia imprimiu teu passo errante.

Na ausencia tua tudo expira ! Outubro,
— Quente mez que aborreço, — ás mãos voltêa
Na cresta ás folhas o seu facho rubro.

E eu, que a teu braço a cornucopia cheia
Vi dar ao mundo próvida o thesouro,
Com que dor vejo a Terra ardente e feia,

Pois a não cobre o teu cabello de ouro ! »

II

Disse, e olhou derredor. Distante, ás vivas
Luzes da tarde, interrogando o vento,
Balançam-se as palmeiras pensativas.

Todo o céo, todo o azul do firmamento
Está cheio da magua e da tristeza
Que a alma lhe traça n'esse atroz momento.

No ar, no monte, no valle e na deveza
Como que um'harpa immensa e dolorosa
Chora e parte-se ás mãos da Natureza.

E elle a vista, da lagryma saudosa
Toda embebida, em frente ao sol que expira,
Sumiu nos ermos da amplidão radiosa.

— « Dize, dize onde estás ! » Falla e suspira,
E ás nuvens longe mede as soltas alas
Que ao céo varrem a limpida saphyra ;

Umas de ouro, de purpura, de opalas
Outras . . . E a alma anciosa e entristecida
Cá do exilio da Terra a interrogal-as !

— « Dize, dize onde estás ! Que despedida
Foi a tua que assim que te partiste
Vi que estes campos desertara a vida ! ?

Cae morta a flor que n'um sorriso abriste,
Murcha-se o ramo, secca-se a corrente
Onde molha o arvoredo a sombra triste.

Té do campo a verdura,— e isto consente
Teu amor!—onde meiga adormecias,
Torra e cresta o verão com o raio ardente.

Se tornassem comtigo aquelles dias!
Se volvesses!... Mas vejo que interrogo
Um vão phantasma n'estas nuvens frias!»

E das nuvens, maguada, a vista logo
Soltou-se, entre o crepusculo que vinha,
Como um peplum, velando o céo de fogo.

Era a hora em que ao valle se encaminha
A noite, pelo pincaro do monte;
Vôa á face dos lagos a andorinha..

Uma faxa de luz da serra á fronte
—Sol das almas lhe chamam —reapparece,
Mas logo esmaia, e é trevas o horisonte.

E a alma das cousas, o susurro, a prece
De tudo a estrella que nasceu primeira
Nos raios de ouro levantar parece.

E n'agua morta, do regato á beira,
As desfolhadas arvores se encaram...
E á voz, que ha pouco á Natureza inteira

Fallava, as nuvens tremulas quedaram;
E longe, como um rancho de captivas
Que, olhando em roda, sem dormir ficaram:

Balançam-se as palmeiras pensativas.

A

ANTONIO AGUIAR

A ENCHENTE

X

Augmenta a inundaçao, cresce de mais a mais.

BURGER.

Foi sobre o pôr do sol que a agua, espumando, ás roncas,
Começou de crescer: pelas fragosas voltas
Das vertentes a uivar; pelo pendor, ás sôltas,
Das pedras a mugir; pelos algares, broncas
Socavas, barrocaes, sonoras grutas, o ermo
Zoando, com o propagar dos echos seus sem termo:

Descia. Em plumbeo céo, de esparsas franjas no alto
Baldaquins de vapor do temporal se arqueavam,
E ainda, de quando em quando, ao raio, que de assalto
Rompe-os, douram-se ao lume, e o seio ethereo cavam,
Onde, em sulcos de fogo, os subitos coriscos
Se encruzilham febris, serpentejando em riscos.

Doce raio de sol, d'entre o compacto enxame
Das nuvens ora escapo, ia aquentando o monte;
E era assim, na amplidão, como luzente arame
De ouro, da Tarde ás mãos, suspenso no horisonte;
Doce raio de luz depois da chuva! o dia
D'elle, a terra espiando, em lagrymas sorria.

Toda a inculta extensão dos campos, pouco a pouco,
Ia a enchente alagando. O que era um rio echôa,
E é mar, e engrossa, e altêa, e ferve, e espuma, e rouco,
Morde as margens, empóla, empina-se, acachôa,
Bolha, brama, e, á feição de indomito cavallo,
Roto o freio, lá vae, — salta de vallo em vallo;

Vôa, impellindo em furia o peso d'agua, ás matas,
Que ora o vendo a raivar, tão fero e desabrido,
Fallam:—«De onde é que vens que o manto, a uivar, desatas
E ruges, tu que outr'ora, em somno azul dormido,
Com as collinas á cerca, — escravas tuas — leve
Beijava-as, de teu leito entre os lençoes de neve?!»

E a agua desce: as rechãs, as fertiles planuras
Incha, faz apaúlar-se; entre o raizame adunco
Dos grossos vegetaes se infiltra, nas escuras
Charnecas e marneis os lyrios sorve, o junco
Dobra, arrasta, ao covil sorprende a fera, ao ninho
Baixo arranca os frouxeis e assusta o passarinho.

Embalado lá vae corrente abaixo agora
Um tronco. Em vão luctou, rijo madeiro oppondo
A' enxurrada brutal que, na evulsão sonora,
Come ao rochedo os pés, o penhasco em redondo
Cerca, fal-o pender, inclina-o mais, e, de ira
Cheia, impelle-o, forceja, e monte abaixo o atira.

Sôa o valle. Da enchente a bocca informe avança;
Róe aqui já do campo os altos; o arvoredo
Ameaça, abarca, aperta; esta ramada, a França
D'este arbusto alcançou, trepando do laspedo,
E esfolhou-a, e bramiu; mais alto sobe, e inunda,
Torce-se toda, e bofa, e em fremito redunda.

Velha humilde choupana, onde estancara a sêde
Viajor que um dia inteiro o sol queimara, — o seio
Despovoado apresenta, ermo e soturno; e, vêde:
Lympha escassa que os pés lhe andou molhando, em meio
Da varzea, ameaçadora agora ferve, e a vaga
Arremessa-lhe á porta, e pouco a pouco a esmaga.

De seu tecto de colmo aburacado a pomba
A aza abriu, demandando um céo melhor. Vacilla,
Mal sostida, a parede, e se balança, e tomba,
E esbrôa-se na queda a avermelhada argilla.
Fica o esqueleto só, de pé, sinistramente,
Combatido ainda assim da alluvião crescente.

E a agua desce: hora a hora, instante a instante, a serra
Brota-a, brota-a o sapal, a estrada, a penedia
Brota-a, brota-a a deveza, os borraçaes, a terra
Toda; e avoluma a enchente, avulta, augmenta; amplia
O corpo, e immensa espraia em tudo, e se derrama,
E tudo atrôa, e espuma, e ronca, e ruge, e brama.

Da assomada do monte olha-a o coqueiro, ao vento
Dando os leques; o corvo altivolo, sorpreso,
Olha-a de cima, do ar; o espaço, o firmamento
Olha-se n'ella; o sol, por breve instante, o peso
Das nuvens affastando, olhou-a ao fundo, e a umbella
De ouro lá embaixo viu que se accendia n'ella.

Veio a noite, tambem, marchando, e, debruçada,
Olhou-a do alto; olhou-a a estrella, do negrume
Da amplidão repontando em transparente lume;
Emquanto do Levante entre o vapor, á entrada
Do céo,com o argenteo limbo, a lua enorme e estranha
Espiava, erguendo o rosto ácima da montanha.

SONETOS

I

A GALERA DE CLEOPATRA

Rio abaixo lá vae, de prôa ao sol do Egypto,
A galera real. Cincoenta remos lestos
Impellem-na. O verão faz rutilar, aos estos
Da luz, de um céo de cobre o horisonte infinito.

Pesa, qual se de chumbo, o ar circumstante. Uns restos
De templo ora se vêm, lembrando um velho rito;
E inda um pylono erguido, uma Sphinge em granito
De empoeirada figura e taciturnos gestos.

De quando em quando á flor do Nilo se destaca,
D'agua morna emergindo, a escama de um fakaka;
Um branco ibis revôa entre os juncaes. Emtanto,

N'uma sorte de *naos* Cleopatra procura
Su'alma distrahir, prestando ouvido ao canto
Que a escrava Charmion tristemente murmura.

II

O LEITO DA ROMANA

AO DR. J. P. DE MAGALHÃES CASTRO

PELO cedrino thalamo odorante
O ostro phenicio, a purpura mais bella,
Raros byssos de trama deslumbrante,
Tudo palpita com a presença d'ella.

Trabalho argel de finas mãos, brilhante,
Cahiu-lhe o peplo. O rosto se revéla...
Romanos olhos sob a treva ondeante
Da coma esparsa, que um luar estrélla.

Eri-lavradas tripodes custosas,
Kam-klins, caçoulas, derramae no espaço
Aloes, sandalo, myrrhas vaporosas.

Entrando o leito, em timido embaraço,
Ella a tunica abriu um pouco, e as rosas
Mostra das pomas, levantando o braço.

III

MANTO REAL

Da flava Ceres falta-te ao cabello
A côr que o seu dourava e os trigos doura;
Tens negra a trança e, deverei dizel-o?
Fica-te assim melhor, não sendo loura.

Crespa, enredada em serpes, tentadora,
Cheiro-a, aspiro-a, febril e ardendo em zelo;
E ella em meus labios, qual se a Noite fôra,
Da volupia infernal me imprime o sello.

Tóco-a, aperto-a, desato-a fio a fio,
Estendo-a nos meus hombros, vello ondeante;
Tomo-lhe as pontas, o teu rosto espio:

E entre os claros da trama escura e bella,
Creio, vendo-te a luz do olhar radiante,
Ver a restia de fogo de uma estrella.

IV

A PONTE VERMELHA

Um passo além d'aquelle campo ha um velho
Bosque: é de um lado a ponte. Entre as cantigas
Da agua, o rio, debaixo, as grossas vigas
Traz reflectidas no soturno espelho.

Arcos iguaes de solido apparelho,
Curvos, como do tempo com as fadigas,
Com a larga oval e as resistentes ligas
Olhaes formam pintados de vermelho.

E a agua, á tarde, espumando em bolhas, toda
Na luz tinta e na côr que tem por cima,
A correr, a correr, fulgura e roda.

E a muda ponte espia ao longe, espia
Quem vem, que cavalleiro se approxima
Para transpôl-a no final do dia.

V

A JANELLA E O SOL

A ANTONIO NOGUEIRA

— « DEIXA-ME entrar,—dizia o sol — Suspende
A cortina, soabre-te! Preciso
O Iris tremulo ver que o Sonho accende
Em seu dormido virginal sorriso.

Dá-me uma fresta só do Paraiso
Vedado, se o ser n'elle inteiro offende...
E eu, como o eunucho, extatico, indeciso,
Vêr-lhe-hei o rosto que na sombra esplende. »

E, fechando-se mais, zelosa e firme,
Respondia a janella: « Ah! que estouvado!
Eu deixar-te passar! eu nescia abrir-me!

E essa que dorme, sol, que não diria
Ao vêr-te o olhar por traz do cortinado,
E ao vêr-se a um tempo desnudada e fria?!— »

VI

FIM DE UM CONTO

A R. PORCIUNCULA

...E por alli nos fomos...—proseguia
O ancião—Lucia, mais pallida do medo
Da noite, as mãos tomando-me—em segredo,
Baixo, uma prece, tremula dizia.

Alta era a serra, altissima! sombria
A scena a taes deshoras. O arvoredo
Estava tacito, mudo, immoto, quedo.....
Nem uma aragem derredor se ouvia.

De repente, de subito, n'aquella
Noite o ouvido me fere um som medonho....
Róla um corpo na escarpa : o vulto é d'ella!

Acompanha-me ainda esta saudade....
Dorme no abysmo o meu primeiro sonho...
Dos outros não me lembro n'esta idade.

VII

MAZEPPA

A' anca brutal do tartaro cavallo,
Vêde-o: lá vae na rapida corrida,
A brusco solavanco e rude abalo,
Pelos campos da Ukrania, a toda a brida.

Corre, vôa o corcel! não ha domal-o!
E a campina, a floresta ennegrecida
Cheia de lobos, e a corrente, e o vallo
Corta e cruza na sanha enfurecida.

Quantos, como o polaco, arrebatados
Leva o ginete audaz do pensamento
A' suarenta garupa pendurados !

E em vão forcejam por soster com os braços,
Entre o ar que assobia e o firmamento,
O incansavel corcel de alados passos !

VIII

SOMBRA

Mulher, não te conheço!

G. CRESPO.

VENS de um sepulchro, as cinzas remexendo,
Os ossos que encontraste á mão reunindo;
Fria, pallidamente fria, e enchendo
De pranto o horror da morte averno e infindo.

E que sepulchro descoberto e horrendo
E' esse? Olho-o e conheço, a um tempo ouvindo
N'elle os meus e os teus ais que em som tremendo
Vão-se, ao modo dos lemures, carpindo.

Vens do passado, Sombra, e uivando choras...
Seguem-te empós,— cadaveres medonhos,
Meus dias mortos, lividas auroras.

Mas que me queres tu? Se é fome impura
Que inda te róe, sacia-te nos sonhos
Que levaste comtigo á sepultura.

IX

TITANIA

A FRANCISCO SODRÉ

Titania, ao lado o rei que os Elfos manda, assoma
Na floresta encantada, á luz da lua.—« Abri-vos,
Ramos verdes! de flor de penetrante aroma,
Móveis arcuaes festões, vendo-a passar, cobri-vos!

Em alas, troncos mil de viridente coma,
Onde em fofo aranhol de abrocadados crivos
Brilha o orvalho que a luz das finas pedras toma...
Eis Titania! de pé, meus validos captivos! »

Tal a voz de Oberon vae proclamando, e em cheio
Da trompa, que da cinta elle suspende e embócca,
Esfusia, e desperta o grande bosque, em meio

Da noite; emquanto a lua enorme esplende, e a gruta
Longe as lettras do canto apaixonado avóca,
Abre o ouvido de pedra, e attentamente escuta.

X

A' ENTRADA DO HYNVERNO

A ALEXANDRE GUIMARÃES

I

A barba espessa aos pés, molhada em neve,
Cahida, e o manto ás costas, de neblinas,
Alquebrado ancião, sobe as collinas
O Hynverno, afuma o tempo, e o sol proscreve.

« De onde veio tão cedo! ? » As pequeninas
Flores e o céo vão perguntar em breve,
Quando a encosta dobrar na volta leve
Que o rio quebra, á curva das campinas.

« De qual tenda de gelo, em fins do pólo,
Velho enfermo, acordaste, e ora te encostas
Aqui e alli, com somno, a fronte ao cóllo ?

Anda, que é cedo ainda, á cama ! ao leito !»
Mas surdo o Hynverno avança, o manto ás costas.
E a espessa barba a lhe sobrar no peito.

II

POIS venha o Hynverno desflorindo a entrada
D'estes campos, e a neve aos serros monte;
Já me não dóe que em pouco abandonada
Seja a planicie proxima defronte.

Erme-se o valle, esfolhe-se a ramada,
Voluveis nimbos pairem no horisonte;
E d'entre a opaca cerração reponte
Tibia pallida a luz da madrugada.

Chegaste, és minha, abraço-te... Lá fóra
Que importa o Hynverno?.. esqueço-o, e vou cantando,
Que a Primavera nos teus olhos mora;

E ver-te é vêl-a que me vem trazida
Por dous sóes, das mãos leves derramando
A cornucopia de Achellous florida.

XI

GALATÉA

A S. SEBRÃO

Foi, rompendo o myrtal de verde manto,
—Morria a tarde, além, tonitruosa,
Boreas soprava — que uma voz maviosa
Feriu-lhe o ouvido, em prolongado encanto.

Dizia a voz: — «O' deusa, ó cubiçosa
Alva espadua do marmore mais sancto,
Não seres minha!...» E era mais doce o canto,
Quando de prompto a Nympha, de amorosa,

Surge. E, com os labios grossos applicados
A' frauta, um monstro vê cantando. Espreita...
Foge... E ao fugir com os passos apressados:

« Ah! que tão doce musica que escuto
Não coubesse a uma bocca mais bem feita
Que a bocca de um gigante horrendo e bruto! »

XII

ULTIMA DEUSA

FORAM-SE os deuses, foram-se, em verdade;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma em summa.

Ao vêr-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo cóllo onde, em quedas de oiro tinto,
Rutilo róla o teu cabello esparso...

Pisas alheia terra... Essa tristeza,
Que possues, é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fórma e da belleza.

XIII

LENDO OS ANTIGOS

A ALBERTO FRANCO

Vamos reler Theocrito, senhora,
Ou, se lhe apraz, de Teos o citharedo;
Olhe a verdura aqui d'este arvoredo
A' beira d'agua... E o sol que desce agora.

Lecio, o pastor, n'esta collina mora,
Onde as cabras ordenha. Este silvedo
Retem de Umbrano á frauta a voz sonora,
Guarda este arbusto a Tityro o segredo.

Esta agua... Olhe, porém, como é tão pura
Esta agua! O chão de nitidas areias
Plano, igualado, limpido fulgura;

E a onda é tão clara que, entreabrindo o louro
Cabello, em grupo as tremulas sereias
Vêm-se lá em baixo n'este fundo de ouro.

XIV

PARAISO VEDADO

Guarda-lhe a porta á camara esquisita
Um anjo; e, se ella dorme, esse anjo espreita
Em roda, e ao punho o alfange de ouro estreita;
E, se ella treme, o alfange de ouro agita.

Não ha transpor essa mansão bemdita!
Pés profanos lá dentro quem suspeita?
Véla a guarda, de pé; na mão direita
Arde o ferro luzente que exercita.

Em paz, desejo meu, que ardente estuas!
De seus limpidos pés o arminho brando
Nem te é dado roçar com as azas tuas!

Olha-a apenas da porta... e a sombra escassa
D'essa arma inveja, fulgurante, quando
Mobil projecta-a, e ella em seu rosto passa.

XV

A ESTATUA

A GENERINO DOS SANTOS

Ás mãos o escopro, olhando o marmor: « Quero
—O estatuario disse—uma por uma
As perfeições que têm as fórmas de Hero
Talhar em pedra, que o ideal resuma. »

E rasga o Paros. Em divino esmero
Eis se arredonda a fronte em nivea espuma;
Eis resalta o nariz de um talho austero;
Alça-se o côllo, o seio se avoluma;

Alargam-se as espaduas; veia a veia
Mostram-se os braços... Cede a pedra ainda
A um golpe: e o vento nitido se arquêa.

A curva, emfim, das pernas se accentua...
E eil-a acabada a estatua, heroica e linda,
Cópia divina da belleza nua.

XVI

A' ENTRADA DA PRIMAVERA

VEM de onde estás! C'roaram-se as collinas,
Como noivas do sol, do sol com os lumes;
Ah! com as chuvas de ha pouco nem presumes
Que verdes que se alisam as campinas.

Revestem-se os outeiros de boninas,
Como outr'ora de acantho o altar dos Numes;
Flóreas caçoulas partem-se em perfumes;
Já vão fugindo as ultimas neblinas.

E' um toro verde o chão do valle. Ao brando
Mover da aragem dobram-se as palmeiras,
Como ancillas, os leques agitando.

Vem de onde estás, que em tudo vejo aqui
Teu nome escripto, e as aves que primeiras
Voaram já estão a perguntar por ti.

XVII

ENTRE AS ARVORES

Da assombrada alameda entre os dispostos
Em ordem grupos de arvores passamos.
Ella tinha nos meus seus olhos postos...
Soava no espaço a musica dos ramos.

Eu... com que doce voz que nos fallamos!
Com vêl-a abria mão de ruins desgostos;
Da espessura entre os flóridos recamos
Coava-se a luz, batendo em nossos rostos.

Ella, quando mais proxima do lago
Que ha alli, com um cysne á flor, me disse, ao vêl-o...
O echo da sua voz no ouvido affago.

Havia, no ar, do sol a immensa magua;
E no lago a estampar-se o seu cabello
Era um sol a afundar-se dentro d'agua.

XVIII

VOX RERUM

A ANASTACIO VIANNA

Por toda a noite, inquietas despertando
Da lua ao beijo de ouro illuminado,
No alto paramo azul, de lado a lado,
Andaram as estrellas perguntando:

—«Que ha na Terra, lá embaixo?... Um tom maguado
Vem as espheras mysticas entrando...
Trina que voz? que deus de enamorado
Vae da harpa curva os echos derramando?»

Ingenuos astros ! digam de uma em uma
As ondas do oceano, a face calma
Diga dos lagos, diga a flor, a espuma,

Diga o rochedo, a folha, a ventania,
E as palmeiras, abrindo palma a palma,
D'onde e por quem aquella voz se ouvia.

XIX

DE VOLTA DO CIRCO

A A. DUARTE

Scisma ao triclinio a bella que da Achaia
Veio á lucta assistir de homens e feras,
E como traz do olhar no céo, que esmaia,
Outro céo, outro sol, outras espheras.

Que ha porque triste seja a loira Agglaia?
Córados vinhos golfam das crateras,
Luzem taças no ar, e a mesa espraia
Rubro mar de licor e festões de heras.

Embalde! embalde purpuras cantando
Tinintes copas cruzam-se festivas...
Pensa Agglaia em Leucippo: a arena entrando

Como era bello! os braços nus, pendente
A espada, o pique posto ás mãos argivas...
Era o sol dos athletas do Oriente!

XX

AO LUAR DE VERONA

AO DR. HENRIQUE BAPTISTA

I

DESCEU da escada o marmore polido
Porque, emfim, minha voz de medo a medo
Chamava-a, como um passaro perdido
Outro chama da sombra do arvoredo.

Da lua de ouro o disco humedecido
Se empinava no céo. Tristonho e quedo
Era tudo em redor; sómente ouvido
Fazia-se das auras o segredo.

Veio. Assustada, pallida, distante
Olhou-me e estremeceu, talvez no instante
Em que eu tambem de longe estremecia.

E, ah! se um canto entre as ramas que oscillavam
Então se ouviu, não era a cotovia...
Eram dous corações que se apertavam.

II

Entrara. Ainda supponho a portinhola
Ouvir nos quicios rapida impellida
Fechar-se. E nada mais ! Da humedecida
Noite o aroma balsamico se evola.

Da casa o mudo aspecto me consola :
Muda como eu, parede a prumo erguida,
Como eu, sem conto estrellas, dolorida,
Estás a revêr de um céo que as desenrola.

Largas janellas, peitoris altivos,
Columnatas da açótea alevantada,
Como eu, quedaes lá em cima pensativos.

Porta onde ella passou, que m'a encobriste,
Tambem tu, qual me vês, estás fechada,
E immota, e muda, e solitaria, e triste!

XXI

PUBESCENCIA

Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

MACHADO DE ASSIS.

HA pouco, d'entre a suspendida arcada
Do modesto jardim, que a luz vigora,
Estava a rir e a cantar, desentrançada
A coma entregue aos halitos da aurora.

Vêde-a agora, porém: não canta agora,
Não ri. Da leira de jasmins plantada
A censura partiu que a traz mudada?
Quem a aza de ouro lhe empeceu n'um'hora?

Scisma, sósinha está melhor scismando;
Olhos demissos, que um desejo estrélla,
Quando falla é com medo e titubando...

Nunca tanto carmim rosou-lhe a face...
Como que o sol desperta dentro d'ella,
E aquelle sangue é o da manhã que nasce.

XXII

NOX

CHOVE, embrusca-se o tempo, e quando ao frio
Fuzil, trovão, nos concavos ribombas
Do céo, vejo passar, como n'um rio
Nadantes monstros, nuvens de ereas trombas.

Só d'esta alcova, carcere sombrio,
Onde entre morte e amor, minh'alma, tombas,
Meu ser, meu coração, meus ais lhe envio,
Por céo de bronze solitarias pombas.

Não vêl-a, e o tempo ver, que mais redobra
Sombra e noite que envolve a natureza,
Plena d'agua, de horror, de medo e espanto!

Abro a janella: e a escuridão que sobra
Das cousas, me enche o peito de tristeza,
E, em fina chuva, os olhos meus de pranto.

XXIII

POBRE MÃE!

A C. COELHO

Olhos fitos na altura, — emquanto morre
A tarde, emquanto á flor do firmamento
Correm as nuvens, — como as nuvens, corre
Até junto de Deus teu pensamento.

Ao filho enfermo, n'esse atroz momento,
Pedes que elle soccorra; e emquanto escorre
O pranto, da oração no exaltamento,
Mãe sublime, suppões que elle o soccorre.

Mas um grito de subito no centro
Ouves do coração presago. Anciando
Entras em casa. O filho está lá dentro

Morto, e ao beijal-o lhe ouves inda, ó louca!
De teu nome saudoso o rumor brando
Das derradeiras syllabas na bocca.

XXIV

SÓ

TAL como douda garça, aos mares! Uma véla!
Uma véla! e é partir. Affronta o horror das vagas
Negras se a noite as monta e as incha o vento, ás pragas,
E ao rechino e estridor do raio e da procella.

Nem todo o equoreo abysmo, entre as equoreas fragas
Ruindo, urrante e estouraz, com a espuma á fauce e aquella
Luz dos ruivos fuzis como serpentes n'ella,
Póde o inferno igualar que em teu silencio esmagas.

Rompe, atira-te ao pégo, a escuridão profaça
De a venceres no horror que no teu peito engrossas;
Talha os ventos, o oceano, as ondas sulca, e passa....

Talvez longe, entre o sol de estranho clima, ao fundo
Do horisonte, ha um deserto em que dormir tu possas,
Sem o incommodo olhar dos homens e do mundo.

XXV

VASO GREGO

A' EXMA. SRA. D. CLARINDA P. DE LIMA

ESTA de aureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia
Já de servir aos deuses agastada,
Vinda do Olympo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então, e ora repleta ora esvasada
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas petalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido approximando-a, ás bordas
Finas has de lhe ouvir, suave e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lyra
Fosse a encantada musica das cordas,
Qual se essa voz de Anachreonte fosse.

XXVI

VASO CHINEZ

A' EXMA. SRA. D. AGLAE P. DE LIMA

ESTRANHO mimo aquelle vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o marmor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinez, enamorado,
N'elle puzera o coração doentio
Em rubras flores de um subtil lavrado,
Na tinta ardente de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste á desventura,
Lá se achava de um velho mandarim,
Posta em relevo, a singular figura;

Que arte em pintal-a! a gente acaso vendo-a,
Sentia um bem estar com aquelle chim
De olhos cortados em feição de amendoa.

XXVII

SYRINX

A JOÃO RIBEIRO

I

PAN não era por certo um deus tão lindo
Que merecesse Nympha como aquella;
Fez mal em perseguil-a, e bem fez ella
Pedir a um colmo encantamento infindo.

Só de vêl-o as Oréadas, sorrindo,
— E d'estas uma só não foi tão bella
Como Syrinx,— armadas de cautela,
Prompto aos myrtaes botavam-se, fugindo.

E, pois, por tal cornipede devia
Gastar as ascuas de amoroso incendio?
Não!—E, a influxo das Nayades, um dia,

Perseguida do deus, o movediço
Ladon procura, estende o corpo, estende-o...
E eil-a mudada em tremulo canniço.

II

Que se imagine como o deus ficara
Quando, crendo estreitar a Nympha esperta
Que lhe fugia, apenas uma vara
Delgada e fina contra o peito aperta.

Vendo-o em tal illusão, que assim lhe armara
Amor, da opposta margem descoberta,
Um risinho de escarneo, que o desperta,
Tiniu do rio na corrente clara.

Então, da planta virginal, no assomo
Da raiva, o caule fino o deus vergando,
Parte-o em varias porções, de gommo em gommo.

Taes partes junta; e, em musica linguagem,
Com os pastores no canto concertando,
Põe-se a soprar no cálamo selvagem.

III

Da agreste canna á módula toada,
Da Arcadia pelos ingremes outeiros
Vinham descendo, em lepida manada,
Lestos, saltões, os Satyros ligeiros.

E a flebil voz da frauta, soluçada
De ternuras, soava entre os olmeiros;
Já nas grutas as Nayades em cada
Sôpro os echos lhe escutam derradeiros.

Hamadryadas louras palpitando
Estão no liber das arvores ; donosas
Napéas saltam do olivedo, em bando.

E prêsa á frauta a Nympha que a origina,
Syrinx pura, as notas suspirosas
Derrama d'alma á vibração divina.

XXVIII

DÉA

A A. MENDES

Quando ella entrou, com um gesto de rainha,
Pallida e bella, altiva e desdenhosa,
Quedou-se em torno a sala rumorosa,
Tão nobre aspecto a divindade tinha.

Quem era essa mulher esplendurosa
Que a luz do raio e a luz do sol continha?
Falla, interroga a multidão anciosa . . .
Ninguem soube jámais de onde ella vinha.

E inda depois que a apparição divina
Sumiu-se, no clarão que atraz deixara
Queimam-se as almas em que amor domina;

E em vago sonho inquieto e prolongado
Revêm todos a fórma aerea e clara
E a immensa luz d'aquelle vulto amado.

XXIX

O EBRIO

A SOARES DE SOUZA JUNIOR

EBRIO, cambaleando, á monotona giga
D'agua que vê saltar na praia aos ventos, anda,
Contam—desde que o sol o estremo céo demanda,
Um louco enviando ao mar uma rude cantiga.

Pisa a areia, resvala, aos tombos vae, desanda,
Cae, pragueja... afinal descança, de fadiga
Dorme. A bocca no vacuo um termo vão mastiga.
Sobre elle a noite o orvalho, á tenue luz, ciranda.

Então, bufando o mar em concavos reçolhos,
Dos buidos pés lamber-lhe as plantas vem, no entono
Da vaga. Emquanto a lua ao longe aponta e, em molhos

De prata, abrindo a luz, desce do eburneo throno,
E, pousando na praia, os avinhados olhos
Beija ao ebrio, e, de pé, vê-l'o a roncar no somno.

XXX

EMFIM!

EMFIM... Nas verdes pendulas ramadas
Cantae, passaros! vinde ouvil-o! rosas,
Abri-vos! lyrios, rescendei! medrosas
Violetas e dhalias rodobradas

Prestae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas
Balsas e as leiras flóridas plantadas;
Aves e flores, flores e alvoradas,
Alvoradas e estrellas luminosas

Saibam-n'o agora! os céos, a esphera toda
Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda!

Auras, silencio! Emfim, sua mãozinha,
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,
Sua alva mão pude apertar na minha!

XXXI

MORTOS PARA SEMPRE

Só meu amor quizera permittido.
A. DE SOUZA DE MACEDO—*Ulyssippo.*

I

ESTAVA a pensar ha pouco que ella vinha,
Como dissera; e, entrando em casa, ao braço
Do marido,—na escada, entre embaraço,
Deu-me, estendendo-a, a tremula mãozinha.

Com as mais pessôas distrahiu-se, a linha
Do horisonte ora vendo, ora o terraço . . .
E eu suppunha, a lhe ouvir os sons do passo,
Rehaver o tempo em que a julgava minha.

O quarto mesmo, onde medito e estudo,
Quiz visitar; depois, á despedida,
Não teve uma só lagryma no adeus!

Foi-se. Abro o cofre da passada vida:
O mesmo é o seu retrato, e vejo em tudo
Seu nome escripto e os juramentos seus!

II

Tal suppuz, e ella quiz que se cumprisse,
Mas com a emenda de um mal que não tem cura...
Sim, no olhar o notei, talvez que o ouvisse
No riso mesmo e em sua voz tão pura.

Chegou... Longe d'aquella creatura
Que a punge e odeia, a antiga meninice
Redourava-lhe o rosto, e a formosura
Mais esplendia de seu todo. E disse...

Disse com os olhos humidos, da falla
Com as tremuras, com o gesto doloroso,
Disse tudo... E ao notar que estremecia

Todo o meu corpo em tremito nervoso,
Prudente e honesta, um dedo ao labio : — « Cala !
Cala ! » — Tambem a estremecer dizia.

III

Como uma sombra eterna que a Piedade
Afigure, em meu quarto a imagem d'ella
Ficou, dos zelos a infernal procella
Domando com a divina magestade.

Avulta, cresce e me captiva aquella
Sombra, e acaso me ouvindo a tempestade
Latente, com a ternura e com a bondade
Serena-a como uma serena estrella.

E' razão que eu me curve, e sonho a sonho
Os ares cerre, em que fundei no vento
Vário um templo ideal que ora desaba...

Ouve, minh'alma, o estrépito medonho...
Ouve, e treme de ouvil-o, pensamento!
E' teu mundo de amor que cedo acaba.

IV

Que me quer esta lagryma ?... Chorei-as
Todas, e esta ficou-me... atraz, querida!
Volta e extingue-te em mim com a extincta vida...
Já suas mãos não tens de finas veias!

Ella tambem, ó lagryma sentida!
Teve de pranto as palpebras tão cheias
Como de um lyrio, em meio das areias,
A urna de orvalhos, de manhã pendida.

Mortos p'ra sempre!... Lagryma, seccaram
Tuas irmãs! com ellas desparece,
E te apaga como ellas se apagaram!

Olha: á face que amei se eu te levasse
N'um beijo extremo e te espalhado houvesse,
Tu gelaras... tão fria é sua face!

V

Mortos p'ra sempre !... Cala-te, e padece,
Coração ! ella o quiz : padece, e cala...
Ella que honesta e pura te apparece,
E, um dedo ao labio, eternamente falla !

Como inda em vida arremessado á valla,
Que a dor no esquecimento te arremesse ;
E seja a tua derradeira prece
Teu respeito em servil-a e em veneral-a.

Ella tambem, que a dor que te amortalha
A ambos colhe com o golpe, cae ferida
E o rosto a quentes lagrymas orvalha...

Mortos p'ra sempre!... O' sombra! ó escuridade!
Só, de teu seio, escutarei sem vida
O rouxinol da ultima saudade.

VI

Mortos p'ra sempre!... Branca, inanimada,
Tu cosida á mortalha escura e fria,
Inda no alvor de teu primeiro dia!
Eu — com vêr-te tão cedo amortalhada!

Mortos p'ra sempre!... Um'hora de alvorada,
Um minuto de céo quem nos diria
Foi nosso amor n'essa manhã sombria,
De receiosas lagrymas banhada!

Mortos, mortos p'ra sempre !... E has de em teu leito
Tremer, cuidando pela noite afóra
Que um phantasma te aperta contra o peito...

E contra o peito, só, no meu jazigo,
Tu'alma pura eu tomarei, se um'hora
Posso na morte adormecer comtigo.

XXXII

SAUDADE DO EDEN

A LEANDRO MALTHUS

Entre dous montes — o do Occaso, tinto
Da côr viva do murice, brilhante,
E de rosas cingido o do Levante —
O Eden ficava, o nosso valle extincto.

N'elle, ás mãos uma Flora deslumbrante
Verde enredava estranho labyrintho;
E o val sorria ao sol, torcendo o cinto
De aguas de prata pelo corpo, ondeante.

Alli voavam os passaros mais raros,
Catasolados, purpuros... abriam
Alvas de nacar sob os céos mais claros;

E as horas breves da ventura, quando
Alli estavas, mais longas me sorriam,
O ouro das azas pelo chão deixando.

XXXIII

BEIJANDO-A

NAQUELLA bocca melindrosa e pura,
— Taça antiga finissima, lavrada,
Sorvo a ambrosia aos deuses consagrada,
Do soma indiano os estos da ventura.

Em cada beijo que lhe tomo, em cada
Sôpro ha a lasciva calida loucura
Que, ébria, douda, convulsa, hallucinada,
Nos lautos brodios bacchicos murmúra.

De amplos concavos cantharos divinos
Cuido ver o falerno que espadana...
Loiram cerames rutilos mitimnos;

Rebrama a orgia,— e ao lubrico alarido,
Heroinas e heróes, em grita insana,
Brindam ao deus de Sémele nascido.

XXXIV

PERSPECTIVA

A A. C. DE OLIVEIRA VIANNA

VÊ como a Natureza é grande e bella!
Olha aquelle apinhado de collinas,
E o sol que desce, e está do céo na téla
Como um borrão de tintas purpurinas.

Olha estes ares limpidos! aquella
Planicie ondeante, liquidas campinas;
E já no Oriente esta primeira estrella...
E estas furando o espaço repentinas!

Olha aquellas aquatiles gaivotas
Que d'aza arrancam na marinha bruma;
Archipelagos longe... ilhas remotas...

E a Noite agora, enchendo os horisontes,
Olha—as nuvens lá desce de uma em uma,
Tropeçando no pincaro dos montes.

XXXV

EMENTARIO

FRAGMENTOS

Perdut'hò quel, che ritrovar non spero
Dal Borea all'Austro, o dal mar Indo al Mauro.

PETRARCA.

I

AUSTERO e frio entrara no aposento
O medico: — « E' preciso o seu cabello
Cortem. » — Dissera. E eu vi, — nem sei dizêl-o!
Cahir-lhe a trança n'esse atroz momento.

Agora mais faminto, mais violento
Crescia o mal. Da morte o escuro sello
Já sobre a fronte lhe notava, e ao vêl-o,
Dor a dor me estalava o pensamento.

O olhar prêso no meu, no ethereo fundo
De seu olhar um anjo me acenava,
Como a dizer:—«Já basta d'este mundo!»

Com um sorriso no labio, ella morria...
E o anjo lá estava: em seu olhar, me olhava,
Vinha-lhe á bocca: em seu sorrir, sorria.

II

O' minha Laura, quem do livro aberto
Em que liamos ambos, os amados
Olhos teus apartou, para fechados
Serem no somno de uma noite, incerto!?

Quem d'entre os niveos dedos delicados
Em que o trazias, lendo-o de mim perto,
O poema arrancou que eu vi coberto
De tantos soes que tinha, imaginados?!

Doce leitura! negra pausa infinda...
Como que por feitiço ainda hoje eu creio
Ver aberto esse livro e lel-o ainda;

E em cada folha em que meus olhos ponho
Palpita o nosso amor com o mesmo anceio,
E as nossas illusões com o mesmo sonho.

III

Disse ao poeta a Saudade: « Ao mundo ascende
Dos soes, por lá, das azas minhas, vêl-a... »
E o poeta subiu de estrella a estrella,
Subiu. Chamou debalde. Alonga, estende

Os olhos... O ar sómente apalpa. Emprende
Maior passo. Mais sobe. Em luz mais bella
Arde o espaço. Mais sobe. E em toda aquella
Altura apenas o silencio o entende.

Como a infinita serra,—a grito e grito,
Olhando acima e atraz, trepa o infinito...
Estende a mão, procura... estende a mão,

Procura... estende a mão, procura... E lucta
Debalde, e falla, mas sómente escuta
O rolar das estrellas na amplidão.

IV

Por ventura uma vez acaso ouviste,
A' noite, a voz das velhas cartas, quando
Papeis antigos remexendo e olhando,
No recesso dos intimos boliste ?.

Eu conheço essa voz, sei que ella existe.
De amadas lettras desbotado bando
Tenho ouvido fallar, se vou pensando,
Vendo-as á luz, apaixonado e triste.

D'aqui rompe do irmão que se desvéla
O conselho; entre mostras de piedade
N'esta linha ha uma lagryma; n'aquella

De amigo ausente ainda a expressão conforta;
N'esta—arrasam-se os olhos de saudade—
Vejo as lettras finaes da amante morta.

V

Vês com as arcadas negras suspendida
No ar esta ponte immensa,—o céo de um lado,
A terra do outro, e o espaço illimitado?
Seu nome queres tu? chama-lhe Vida.

Vê como horrenda é toda, e alta e comprida!
Põe medo...— E onde termina? — Onde acabado
E' tudo e novamente começado:
No mysterio, na treva indefinida...

—E esses vultos, além, que a estão subindo ?
—Sombras são.— E esse uivar medonho, e grito ?
—Dores.— E acima é o céo que está fulgindo ?

—E' o céo — E para em salvo atravessar
Essa ponte e ir lá ter que necessito ?
—De amar, de amar, de eternamente amar.

VI

Teus olhos, flor, vêm-me lembrar o encanto
De outros olhos, porém de luz mais bella,
E tanto que cegava, e tanto, tanto
Que eu mais julgava-a a luz de alguma estrella.

Tudo n'elles havia e estava quanto
No lume ethereo e vivo se revéla,
Tão fundos que do céo se via o manto
Cem leguas através dos olhos d'ella.

Anjos por elles doidejantes iam
N'uma accesa espiral, e sons frequentes
De azas rufladas rapidas se ouviam...

Nuvens brancas, estrellas de oiro fino,
Luares de prata, raios transparentes
Tudo boiava n'esse olhar divino.

XXXVI

UNICA

ESTÁS a ler o meu livro, e é bem que exprimas
Certo pezar. Nem uma vez, nem uma
O teu nome estas paginas perfuma!
E outros ha ahi por titulos e rimas.

« Quem são essas que vêm de estranhos climas,
De idades mortas, da salgada espuma
Do mar, da Grecia além, do sonho em summa,
Que mais que a mim tens celebrado e estimas? »

Dirás. E o livro, se meu ser traslada,
Se o fiz de modo tal que me traduza,
Contas dará de quanto em si contem;

Saberá responder que és sempre amada,
Que n'elle estás, pois foste a sua Musa,
E essas mulheres só de ti provêm.

SEGUNDOS POEMAS

A

AFFONSO CELSO JUNIOR

OLHOS DOIRADOS

I

> **Ces yeux ! ces larges, ces brillantes, ces divines prunelles !...**
>
> **EDGAR POE.**—*Ligeia.*

Os versos que ora trabalho,
Trabalho-os por teu olhar:
És o sol de que me valho
P'ra os doirar.

Sostêns o heliconio sceptro
Mais com os olhos que com a mão;
N'elles, pois, se inspire o metro
Da canção.

Loiras imagens,—pequenas
Abelhas da idéa, voae!
Com os vitreos pés das Camenas
Me rodeae!

Quero uma c'rôa das flores
Mais lindas,—real, porém;
São dous os imperadores,
Vêde bem!

Têm pleno dominio em tudo,
E, assim como um Pharaó,
Vestem-se de ostro e velludo
E ouro só.

Eia, canção, o diadema
D'esses monarchas gentis!
Merecem mais do que a estemma
Das Huris!

Merecem o Paraiso
Radiante dos musulmãos,
E o ramo de heliocriso
Dos pagãos!

Para cantal-os é força
Que do estro a bocca febril,
Aleando a idéa, se torça
N'um anafil.

Que eu tenha á mão, porque a fira,
Phormynx ou cythara. A mim
Do aedo hellenico a lyra
De marfim!

Que os mais os trombões insuflem
Do poema. Não quero tal,
Mas lestas rimas que ruflem
A aza ideal.

— Exiguos clarins do verso,
Que n'ellas, aliveloz,
Em metro escandido e terso
Cante a voz.

Sobre a canção que componho,
Loiras imagens, pousae !
E, como os anjos de um sonho,
Me rodeae !

As rimas se cubram do ouro
Dos olhos teus, porque, emfim,
Ha n'elles mais que o thesouro
De Aladin.

Sim, que riqueza! que raro
Escrinio contêm, mulher!
Ai! d'elles se os visse o *Avaro*
De Molière!

Entrae por tanta opulencia,
Meus versos! n'esse esplendor
Louvae, não a Providencia,
Mas o Amor!

Vamos, saudemos a dona
Dos olhos de ouro. Canção,
Vôa, e depois te abandona
Em sua mão.

Direi a luz que semêas
Em minha noite, pharol!
E as joias de que te arréas,
Como um sol!

Dos olhos teus os queixumes
Direi, a ternura e o bem,
E mesmo os vagos perfumes
Que elles têm.

Que cada estrophe traduza
Tudo o que encerram á flux
E interno. Esvoace a Musa
Em sua luz.

Que os versos que ora trabalho,
Trabalho-os por teu olhar:
És o sol de que me valho
P'ra os doirar.

A

MACHADO DE ASSIS

AS TRES FORMIGAS

II

Allons ! la belle nuit d'été...

A. DE MUSSET.

Movendo os pés côr de brasa,
Foram as tres, com cautela,
Subindo o muro da casa
De D. Estella.

— Arriba! diz a primeira.
— Mais devagar... diz com siso
Segunda. Diz a terceira:
— Sei onde piso.

Noite fechada, propicia
A' idéa, ao plano que as leva...
Nem de uma brisa a caricia!
Silencio e treva!

De prompto um grillo de um canto:
— Onde ides, minhas amigas?
E um calefrio, de espanto,
Nas tres formigas.

Ah!... Mas, sereno e encantado,
Um rosto assoma á janella :
O rosto puro e adorado
De D. Estella!

Tri... tri... rufla as azas, geme
O grillo. E pernalta aranha
Na trama de ouro. em que treme,
Quasi o apanha.

E agora se atemorisam
As tres. E' tudo embaraços!
E a cal sómente que pisam
Lhes ouve os passos.

E uma após outra se encaram
Tremendo ; ora hesitam, ora
Conversam baixinho, param
Por mais de uma hora.

Subitó o muro fracassa
Trovão de vidros, que as géla...
Descêra a brusco a vidraça
De D. Estella.

— Melhor é voltarmos, logo
Uma aconselha, em segredo;
Outra abre os olhos de fogo,
E é toda medo.

Terceira chora, encolhida:
— Tão alto! já estou cansada!
Meu Deus, com certeza a vida
Não vale nada.

Mas sobem, que é necessario
Subir. Jesus, o bemquisto,
Subiu tambem seu calvario,
E era o Christo!

— Janella, emfim! n'um alento
Exclama a que mais anhela
Primeira ser no aposento
De D. Estella.

— Por esta frincha... — Por esta...
— Melhor... — Entremos. — Avante!
E uma olha, analysa a fresta,
E rompe adeante.

Seguem-n'a as duas. Estreito
E' o trilho. Vão. Tal n'um berro
Vae por um tunnel direito
Um trem de ferro.

Eil-as estão da outra banda,
Na alcova. Tudo, de em roda,
Miram, á lampada branda,
Da alcova toda.

E vêm, por entre os adornos
De um leito elegante, a bella
Fronte, o perfil, os contornos
De D. Estella.

Azul celeste, á parede
Sobre o papel que a reveste...
E é toda a camara, vêde :
Azul celeste.

Tenda de neve—a cortina ;
Dous bustos, um ramilhete
Além ; descalça botina
Sobre o tapete.

N'um quadro de luzidio
Ebano, um vulto guerreiro :
Perfil severo e sombrio
De cavalheiro

De Hespanha ; olhar atrevido,
Espada á cinta, e escarcella...
— E' com certeza o marido
De D. Estella.

E o espelho... como scintilla !
Parece de um lago a nua
Face que leve se anila
Com a luz da lua.

No toucador como esparsa
Ha tanta cousa ! um diadema,
Alvas pennugens de garça...
Todo um poema !

E um vaso com a mais festiva
Das rosas ! — Meu Deus, acaso
Ha rosa tambem que viva
Dentro de um vaso ?!

E eil-as, á flor já se atiram
As tres formigas... Ai! d'ella,
A flor, que os labios vestiram
De D. Estella!

Descem o muro. Profundo
Silencio. Tudo parece
A miniatura de um mundo
Que se amortece.

Sobem os moveis. No tecto
Nem sombra de aza perdida
Do mais pequenino insecto...
Tudo sem vida!

Chegam á rosa. Que altivo
Seio encarnado! Que encanto
Nesse encarnado lascivo
Que tem no manto!

E uma se adeanta animosa,
Mais esta, após, mais aquella...
Ai! rosa, querida rosa
De D. Estella!

Correm-lhe as petalas. Uma
Desce-lhe ao póllen que toma,
Da bocca aos pés se perfuma
Com seu aroma.

Enchem-se de ouro, que é de ouro
Su'alma. Sedas desatam
Que a prendem. Vida, thesouro,
Tudo arrebatam.

Tudo revolvem, por tudo
Passam, n'um tremulo gyro,
Com seus trophéos de velludo
Que lembra o tyro.

E vão a fugir, com o geito
Do que em roubar se desvéla...
Mas nisto estremece o leito
De D. Estella.

E' dia. A dona da alcova
Já está de pé: e, anciosa,
Porque mao sonho remova,
Vae ver a rosa.

Toma-a do vaso ás mãozinhas;
Mas, ao beijal-a, a senhora
Descobre as tres formiguinhas,
E sopra-as fóra.

— Ah! que tufão repentino!
As tres, no ar, na anciedade
Da queda, exclamam sem tino...
— Que tempestade!

Longe, bem longe, erradias,
Cahiram. Nem se mexeram
De espanto quasi dous dias...
Depois morreram.

Eis das formigas o caso.
A rosa... falle por ella
Outra que é nova no vaso
De D. Estella.

A

URBANO DUARTE

MARMORE

III

DEIXA-ME extravagar, serena estatua.

E's minha.

O esculptor te depoz nos braços meus, rainha
De marmor; quando um dia o Paros trabalhava,
Eu no lavor da pedra o seu cinzel guiava.
Eu era o sonho, eu era a idéa, elle esculpia
O que eu d'alma arrancava, o muito que eu sentia
De amor, de lucta e febre e de estos de loucura
E paixão. Fêz-se a estatua. Em finissima alvura
O seio ergueu-se, o cóllo, a fronte, o rosto. E eu, mudo
E extatico osculei-lhe a fronte, o cóllo, tudo!

A estatua é minha! a estatua entre os meus braços prendo!
Beijo-a, aqueço-a com o bafo, as palpebras lhe accendo
Com a luz do olhar ; ao peito as veias rasgo, as veias
Minhas, cedo o meu sangue ás suas, e eil-as cheias!
E ella vive! ella anceia e treme! ella palpita!
Move os olhos de pedra! a mão levanta! agita
O corpo! e acorda! e vê-me... E ao vêr-me, oh! desventura!
Eil-a pedra outra vez inabalavel, dura!
Eil-a estatua outra vez silenciosa, fria!

Insano extravagar! insana phantasia!

A UM POETA

IV

Oh! pasmo! oh! portento! oh! nunca visto caso!

A. DINIZ.

CONTA um Hymno pagão que certa vez o errante
Polyonimo deus, o ephebo louro, o amado
Das Evias,— Baccho, á estrema
Estando de um promontorio, o manto desdobrado
Ao hombro, o thyrso á mão, e á testa a parra ondeante
Posta a modo de estemma;

Foi do Tyrrheno mar por uns piratas prompto
Arrebatado. O mar a embarcação ligeira
Corta. Bojada a véla
Vae com o vento. E atraz fica a luminosa esteira,
A agua fica a espumar; e, entre os raios sem conto,
O sol faiscando n'ella.

E aos d'aquella companha, olhando-os, um pirata
Diz : « E' um filho de rei, por certo, este menino ;
Eia, ao largo rememos !
Da Asia aos harens vendido, é força, é seu destino,
Será, e o ouro que der e as perolas e a prata
Juntos repartiremos. »

Mas de subito o deus, que os ouve, encantamento
Lança em tudo, e os perturba. O grande mastro a prumo
E' um tronco ; anda enlaçada
A hera n'elle. Um dragão lá vôa em cima. O rumo
Perde a nau. Se emmaranha a douda véla ao vento,
E é vinha empampanada.

São bacellos que em flor das mãos dos remadores
Rebentam, como ao sol, os remos. Scintillantes
Racimos já palpitam . . .
Zumbem, como no Hymetto, as abelhas. Brilhantes,
Tintos bagos no ar de pavonaças cores
Apinhados se agitam.

E da quilha da nau, como em convivio estranho,
Jorra o vinho no mar. São vinho as aguas. Toda
Face é purpura. As vagas
Têm do licor de Chypre os roseos tons; em roda
Vinho fervem em flor, e vão de banho em banho,
Corar longe outras plagas.

E um leão apparece e ruge horrendamente
A' popa; e, aberta a fauce immane, immensa e ruda,
Um urso. E a cordoalha
Ringe e torce-se toda e silva e se transmuda
Em hydras; e, derredor á boquiaberta gente
Do alto roja e se espalha.

Depois vegeta o mar, é todo verde. Estensa
Nava, campos sem fim distendem-se ondulando...
E de arvores frondosas
A' sombra vêm-se agora as ovelhas pastando...
E a espuma, que era vinho, erra ao vento, suspensa,
Em petalas de rosas.

Poeta, és como esse heróe, cujo prodigio narra
O Hymno Homerico. A' voz de tua musa um mundo
Novo surge, amanhece
Outro sol; e da vida o immenso mar profundo,
Como aos olhos do deus que o myrto cinge e a parra,
Verde e ameno apparece.

Anjos, sombras, visões, que em tua mente ideas
D'alli rompem: d'alli, como ás antigas aras,
Aos antigos altares,
A bacchica phalange avança e canta, e as claras
Fórmas nuas mostrando, ao passo das choreas,
Louros dão-te aos milhares.

A

ANDRÉ RANGEL

CANÇÃO DAS LAGRYMAS

V

Como o excesso de um rio,
Que se espraia e derrama:
Amor, em quem confio,
Do coração que nunca está vasio
Fóra em agua sobeja e em fogo, em chamma.

Sou como o campo em hora
De enchente: Amor me alaga,
E teu nome, Senhora,
Senhora minha, Amor que te namora
Está dizendo, a brincar de vaga em vaga.

Olha-me os olhos, fita
A agua d'elles, que escorre;
Amor os move e agita,
Uma lagryma cae, outra palpita,
Esta grita, esta canta, aquella morre.

Amor todas creado
Tem-m'as n'alma, Senhora;
Estilla-as meu cuidado,
E do lago de lagrymas formado
Algumas sopra pelos olhos fóra.

Escrevi que me havia
Como o campo na enchente:
A enchente, todavia,
Se se entorna no campo é sempre fria,
E a de Amor que me lava é fria e ardente.

Ardente,—é que encarcero
Desejo que me mata;
E sendo quanto quero
Impossivel, me augmenta o desespero
De querêl-o com o ardor que me arrebata.

Assim, de meu desejo
O imperecivel fogo,
Nas lagrymas sobejo,
D'entre as lagrymas sae quando te vejo;
E eis agua e chamma n'um continuo jogo.

E tão continuo e em tanto
Movimento, Senhora,
Que a vista minha, emquanto
Dura o jogo, se accende de meu pranto,
Qual de raios e lagrymas a aurora.

Tal Amor por castigo
Aos olhos me tem posto ;
E o mais que usa commigo,
Se o não diz de olhos meus, não sei se o digo
Se comtigo me vejo rosto a rosto.

Aguas, chammas, tu queiras
Senhora, é tudo extincto :
Sécca um beijo as primeiras,
Um sorriso me apaga as derradeiras,
Me apagando o calor que com ellas sinto.

Amor nem mais te pede...
Urge! que dor mais alta :
Morrer de frio e sêde
Quando fogo se tem que a vista impede,
E agua tanta que fóra aos olhos salta!...

A

CAPISTRANO DE ABREU

OS AMORES DA ESTRELLA

Fragmento do

SABIO INGLEZ

VI

MAGUADA, Musa, o olhar desconsolado,
Vens d'esse canto esteril de poesia,
Por mim forçosamente perpetrado.

N'elle a fimbria do céo não viste ; a fria
Sciencia, o frio estudo, o amado aspecto
D'alva accendendo as purpuras do dia,

Roubou-te ! E emquanto em peregrino affecto,
A ave cantava, o mar, o espaço, a terra,
Tu forjavas scientifico terceto.

Maguada Musa, as palpebras descerra
Um pouco e a luz do sol sedenta bebe,
Longe do Sabio, longe da Inglaterra.

Meiga, em teu collo agora me recebe,
E, da aurea lyra as cordas afinando,
Trava-a e suspende-a nos teus braços de Hebe :

Pois que o leitor, piedoso, descansando
Aqui, de já prostrado, te consente
Diversa cantes, e, a cantar, o bando

Ora das aves sigas, mollemente,
Ora das soltas borboletas, ora
Das flechas de ouro do carcaz do Oriente.

E emquanto, Musa, a vista se demora
N'esta manhã e em feria estás, emquanto
Punge os frisões, no ethereo carro, a Aurora,

Conta, o metro escandindo á voz do canto,
Como a estrella de prata, a immaculada
Estrella d'alva, a perola do manto

Celeste, á rosea luz da madrugada,
Na immensa altura estremeceu nervosa,
Como candida noiva despertada.

Já, sob o pallio azul, a tenebrosa
Noite as estrellas nitidas e bellas
Prendera ao seio, como mãi piedosa.

De umas as brancas lucidas capellas,
De outras o manto, as chlamydes de linho,
Viam-se á luz da lua. Estas e aquellas,

Todas no lacteo sideral caminho
Dormiam, como um bando alvinitente
De aves, á sombra, entre os frouxeis de um ninho.

Vesper, porém, chorava: ella sómente
De pé, scismando, o niveo olhar, mais niveo
Que a prata, abria na amplidão dormente.

Mirava todo o célico declivio,
Como buscando alguem que desejava,
Qual se deseja alguem que é doce allivio.

Só, no espaço desperta, como a escrava
Romana, ao pé do leito da senhora
Velando á noite, a misera velava.

Um deus de fórmas válidas adora:
São seus cabellos ouro puro, o peito
Veste a armadura de crystal da aurora.

Quando elle sae das purpuras do leito,
O arco na mão, parece de diamantes
E rosados rubins seu rosto feito.

Dera por vêl-o agora as scintillantes
Lagrymas todas, limpido thesouro,
Que tem nas longas palpebras brilhantes...

Mas sôa de repente um grande côro
Pelas cavas abobadas... e logo
Assoma ao longe um capacete de ouro.

O deus ouviu-lhe o supplicante rogo,
Eil-o que vem! seu plaustro os ares corta...
Ouve o relincho aos seus corceis de fogo...

Já do rôxo Levante abriu-se a porta...
E ao vêr-lhe o vulto e as chammas da armadura,
Fria, tremula, muda, e quasi morta,

Vesper desmaia na infinita altura.

A

J. DE MORAES SILVA

HISTORIA DE UM CORAÇÃO

VII

Coração humano, emfim...

A. Vieira — *Sermões*.

I

DIZENDO irei de um coração que errara
O caminho na estensa e aborrecida
Viagem d'esta vida.

E foi que o rumo das Paixões tomara,
Cego de si, sem ver outro caminho,
O misero e mesquinho.

Meio mundo correu como um faminto,
Sem contento. Dos Vicios como um cego
Alagou-se no pego.

Em vez do nectar puro, o amargo absintho
A illusão muita vez, que o tem por preza,
Lhe escancêa na mesa.

Como uma grande aranha de ouro, o Engano
Lhe urde a teia e prepara. A cada passo
Topa um novo embaraço.

Cruza a estrada do Mal de damno em damno;
Treme, tropeça, cae... não chora, emtanto,
Não chora : não tem pranto.

Endurou-se com as pedras ; é insensivel
Assim. Do amor a derradeira flamma
Já não tem. Já não ama.

Já não sente. E lá vae na senda horrivel,
Não com a vida, mas cuida a cada instante
Ir achal-a adiante.

II

E adiante segue. A vida, emtanto, passa
Por elle, e a desconhece. Ora é uma aldeia,
Ora é a cidade; e a Natureza e os rios

Largos, e o mar, cujo horisonte abraça
Embalde a vista, e o sol que sobre a areia
Darda, ou penetra os palmeiraes sombrios;

E a ave, e a sombra das flóridas ramagens,
E o bosque, e os ventos, e o bufido, o berro
Da fera, atroando as solidões selvagens...

Tudo por elle passa em vão, não vibra!
Não sente! E' como lamina de ferro:
Traz o oxydo negro em cada fibra.

III

Gasto assim, houve um dia
Em que esse pobre coração, viajando,
Foi ter á estranha região sombria.

Não sabia dês quando,
Nem d'onde aquelle sitio conhecia,
E foi-l'o indifferente interrogando.

Qualquer cousa lhe dava
Comtudo idéa do lugar tristonho
Em que ora em passo mal seguro entrava;

Sim d'esse ermo medonho
Bem ao intimo acaso lhe fallava
Dubia noticia ou desmanchado sonho...

E o sitio, escura pluma
Dada a pavores descrever pudera
Sómente,— aquellas arvores na bruma

Chorando, aquella esphera
Turva de nuvens, em que vez nenhuma
Abre o quente esplendor da primavera.

IV

Foi por alli comsigo extravagando
O coração; e, quando na espessura,
Vio que, os ramos sem folhas agitando,

Estava uma arvore annosa e pensativa
A olhal-o em frente ; a secular figura
Remechia-se tóda horrenda e viva.

E logo ao longe a espuma, que em mortalha
Velava o rio, se espedaça e d'este
A agua repreza ha seculos se espalha.

E uma onda falla : — « Amigo, a que distancia
Estavas, que hoje sómente atraz volveste
Ao rio azul da sonorosa infancia ? »

Caminha, emtanto, indifferente e frio
O coração, que o mundo e humano tracto
Traz ouco e torpe e inanido e vasio.

Tudo que ouve em redor de accento a accento
Échos são que o não ferem, tanto o ingrato
Pôz aldrabas no ouvido ao sentimento.

Comtudo, estando ao cabo extremo d'essa
Região, notou com certo pasmo que ella
Se ia fazendo mais tristonha e espessa.

Cala em tudo ar de morte, e com o sonoro
Vento, uns cyprestes dão por toda aquella
Parte um comprido e dilatado choro.

V

Deteve-se. O mysterio
Inquire. E' todo susto.
Em torno o cemiterio

Olha, interroga, pasma...
Eis que de cada arbusto
Acena-lhe um phantasma.

— Olha! esta amada estancia
Pisa mais leve... Attende!
As cinzas sou da infancia!

— Olha! na escuridade
Eu bróto, flor que pende,
Eu, ultima saudade!

— Estás a pisar em cima
D'aquella que deixaste
E que inda te ama e estima!...

— Pára, coração triste!
Porque me abandonaste
E a meu amor fugiste!

— Eu sou o amor piedoso,
A mãe eu sou divina;
Meu rosto doloroso

De lagrymas encheste.
Anda, ajoelha-te, inclina,
E abraça-me o cypreste.

VI

Aqui não pôde mais de dolorido
O coração; cahiu por terra, ao passo
Que exclamava de lagrymas ungido:

« Morto ao mundo me vejo, mas que importa,
Se emfim vos acha e beijo e vos abraço,
Restos queridos de uma idade morta ! »

A

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

A AGONIA DO HEROE

VIII

O atro veneno da frecha forçosamente devia matar Hercules, depois de haver atravessado a ferida mortal do Centauro. E' o que penso.

SOPHOCLES.

I

JAZ por terra o poder do rei de Echalia, Eurytus.
Celebra o vencedor na humida Eubéa os ritos
Da victoria, e, exultando, em prospero retorno,
Volve á Trachina.

Longo, ebrifestivo, em torno
Do palacio, onde a sós a enéa moça mezes
Doze curtiu da ausencia as maguas e os revezes,
Ruge o applauso. Estafando os celeres, provados
Corceis phrygios que o chão percutem com os ferrados
Velocissimos pés, nuvens de pó frechando,
Por entre acclamações, chegam de quando em quando
Os arautos. Sem conto, em curvas de que pende
Victriz louro e heliocriso, arcos, febril, suspende
A turba; ás aras vôa. Arde, fumega em pyra
Sacra o incenso que Zeus na rude oblata aspira.

Doces tangeres, sons de frautas noite e dia
Se ouvem. Concita o povo ás luctas, á alegria
Vinho estreme, ao tinir dos kilix crystallinos.
Evoé! Peian! de Heracle o nome altiva os hymnos.
Tudo é festa, rumor...
Muda, entretanto, afflicta,
Absorta, absorto o olhar, longe dos mais medita
Dejanira. A razão lhe assalta e céga e ensombra
Como improviso horror, atra improvisa sombra.
Interno, obscuro mal traça-a, castiga-a, ignoto;
Quiz fugil-o, não pôde. Ensaia a prece, o voto...
Mal balbutiu-lhe a bocca o voto, a prece... Ancêa
Ora, e soluça e treme, ora a inflammada têa
Sente o Ciume brandir lhe afogueando a mente,
E olhos vira infernaes cheios de um lume ardente.
O euge em vão, o echo em vão, em vão de fóra a festa
Popular lhe feriu ruidosa o ouvido. Infesta
A' alma que assim lhe jaz torva, abafada, occulta,
Livre, em ludos, em folga a alma do povo exulta.
Só, porque soffra só, portas a dentro no ermo
Aposento encerrou-se, e ao peito enfermo o enfermo
Coração praz-lhe ouvir precípite...—secreta
Magua se lhe embebeu, como acravada setta,
Na roxa carne; pulsa, e do intimo, ferido,
Sae-lhe, envolto com o sangue, um subito gemido...

—A causa ahi está do mal, palpa-a, conhece-a : é ella,
Outra não, a formosa além das mais, a bella
Escrava,—recem-colhida, entre os de Echalia ingloria
Rotos muros, flor pura e premio da victoria.

Vira a misera entrar seus regios paços,—preza
Alta do herculeo braço — Iola, gentil princeza,
Filha de Eubéa, irmã de Iphytus, appollinia
Prole, e a alma inscia então nem visos de ignominia
Crêra da amada parte. Eis repentino arauto
Chega, e na incauta voz tudo revéla incauto:
Iola é amante do Heroe...

Surdo ao principio, interno
Fere-a o Ciume. Esforçou. Áquella parte o Inferno
Sopra, áquella remette, as unhas vibra ; agita,
Rompe, lacera tudo, e uiva, e soluça, e grita.
Longo na noite o olhar de lagrymas, o seio
De gemidos, a sós, teve arquejante e cheio
A Rainha. Afinal, quando na estrada antiga
Do céo Phebus surgiu com a alipede quadriga,
E os cerros da Thessalia eoa luz purpurea
C'roava, estreceu-se em parte ao zelo infando a furia.

Philtro a curas de amor lembra que á derradeira
Hora Nessus lhe dera, um dia, da certeira

Frecha heraclea prostrado em meio ao largo Evenno.
Nem suppoz que o dragão passara lhe veneno
N'esse amavio que era um sangue negro, o sangue
Que da aberta ferida, estrebuxante, exhangue,
Vertera o monstro,— sangue horrivel, que em mistura,
Pois n'elle se embebêra a frecha hervada e dura,
Tinha o toxico vil da hydra de Lerna, immensa.

Guardara-o. Prompta vae buscal-o. Sem detença,
A Amor, que vê fugir-lhe e outrem procura, ignara
Applica-o. Bronzeo cofre abre; formosa e clara
Tunica d'elle ás mãos toma, distende-a, e em cima
Deita-lhe o immundo cruor que de vermelho a anima.
Do coalho peçonhento abeberada a trama,
Trata a veste enviar. Lichas, o arauto, chama:
— « Lichas, n'um prompto, já, sem mais demora, a toda
Brida, ou já n'um frisão ou já sobre enea roda
Rapido vôa, e em mãos põe de Hercules valente
Este mimo...» — Partiu precipitadamente
O arauto.
Reserena o espirito da joven
Rainha. Em brando fio as lagrymas que chovem
De seus olhos, estão, por sobre a face e o niveo
Seio, d'alma enarrando o desafogo e allivio...
Infeliz, desafogo e allivio passageiros!

Em breve, a todo o dar das redeas, mensageiros
Rasgarão a planicie, e hão de em crescente espanto
Contar-te o duro caso ! Espedaçado o manto,
Hyllo verás em breve, Hyllo que se consome,
De impia mãe profaçar-te e renegar teu nome;
Emquanto em roucos sons, rouco ulular, ferozes
Roucos gritos sem fim coalham de estranhas vozes
O ar e abalado treme o Olympo excelso, treme
A Terra, o echo se endouda, o Eta nas fragas geme:
E, hirto o cabello, o olhar torvo expedindo assombros,
Erriçadas as mãos rasgando a carne aos hombros,
Roto, iracundo, atroz, rudo, medonho, horrivel,
O alto, o inclyto Heroe, o intrepido, o invencivel,
A quem se humilha o Averno e Tanatos não doma,
Longe, rugindo ameaça e coleras, assoma.

II

Lá vem Hercules! ouve : é a alma do Heroe thebano
Que se queixa. Ouve mais: este gemente Oceano
Que se espraia no ar e a teus ouvidos chega,
Parte do homem melhor que houve na patria grega,
Vem do exterminador de monstros, do inimigo
Dos maos, do protector, do prompto amparo e abrigo

Dos fracos,— do amoroso espirito que um dia
Desce a buscar Theseo na região sombria
De Hadés,— do compassivo, em quem do mar lançado
Morto á praia, uma vez, Icaro abandonado
Achou mão que lhe erguesse um tumulo ; do bravo
Que os Centauros estrue ; do bom que odeia o pravo,
Do util que a Peste, o Roubo e os Crimes extermina,
E a arte emfim de ser grande e de ser forte ensina.

Lá vem Hercules ! Ouve : a Grecia inteira passa
Nestes gritos de dor, geme a um só tempo a raça
Dos valentes, o povo a que elle as ferropeias
Tanta vez sacudiu, quebrando-lhe as cadeias.
Do alto Olympo ás rechãs mais baixas, da montanha
Onde se deita o sol á agua que inunda e banha
A planicie, onde o corpo as Nayades a meio
Mostram, mal resguardando o alabastrino seio :
Tudo é pranto, e acompanha esse clamor dorido
Que do cabo cenêo baixou de ha muito e o ouvido
Rasga aos valles... Agora eil-o mais perto sôa !
Como em torno de Creta, emquanto aqui revôa
E aos pios foge a alcyon, longe com o vento a rastros
Quasi que vão, sostendo o doudo linho, os mastros,—
Sóbe o mar e, altivado, os ceos tocando, de onda
Em onda, cae com um retumbo e horrendamente estronda :

Assim, bravo e ululante, o peito assoberbado
De ira, prorompe o Heroe n'um formidando brado.
—« Deuses!—minaz o aspeito e horrivel no ameaço,
Deuses!— bramiu convulso e brande a clava, o braço
Hirto— Deuses, pagaes-me assim por toda a parte
Servir-vos, levantando altares que dess'arte
Fallem de vós!... Que premio a taes serviços, Divos
Ingratos! ?..»— E afferrada aos hombros convulsivos
A tunica infernal sentindo que lhe apúa
A alma: «Inliço foi teu, perversidade é tua,
Não de outrem, Dejanira, este, o mais alto, o estremo
Dos supplicios! vê tu como me estorço e gemo!...
Que ancia, que interno horror, dentro no mais secreto
Da carne, em prol do Inferno este veneno abjecto
Poz-me, que o sangue meu colerico o rebate
Dá do assalto a raivar, e ás temporas me bate!...
Onde, em que dente vil de hydra do Erebo houveste,
Em que serpe ou dragão de rotas fauces este
Virus que assim me endouda e sorve e me devora
A alma ? !.. Que Erynnia averna em negro instante de hora
Negra mandaste ás mãos tramar a veste odienta
Que me bebe a existencia ? ! Ah! recrudesce, augmenta
O supplicio! Ora é como um jorro de sulphurea
Lava a ferver-me dentro, a enviperar-me a furia...
Hyllo... »

Subito, áquella banda o ar se illumina, estranha
Luz se abriu, scintillando, ás cimas da montanha;
Fraca ao principio, agora augmenta, sóbe, ascende
Em linguas de ouro, e ao céo fúmea columna prende...
E' a fogueira. Crepita, arde, fulgura em torno
Rogal chamma, esbrazêa em fulvas ascuas o orno
Rijo, o rijo carvalho; e do votado aos Numes
Holocausto, ora á carne os rispidos acumes
Domando, traz de si deixando a Terra e humana
Vida, á vida eternal dos deuses soberana
Voando na viva luz com que atravessa a treva,

Do Eta á gloria do Olympo a alma do Heroe se eleva.

INDICE

Primeiros Poemas

Sonetos

Segundos poemas

ERRATA

A' pagina 134, onde está — vento nitido — lêa-se — ventre nitido —.

Este é o principal erro de revisão; os demais não prejudicam o entendimento dos versos.

OBRAS DO AUCTOR

EM LABORAÇÃO

ULTIMOU-SE A IMPRESSÃO

NOS

PRELOS DAS OFFICINAS TYPOGRAPHICAS DE

MOREIRA MAXIMINO & C.

em 28 de Novembro.

RIO DE JANEIRO

111, 113—Rua da Quitanda—111, 113

1885.